

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PAULA MENDONÇA TEIXEIRA

IGREJA E CONVENTO DO CARMO DE SÃO LUÍS:
um resgate histórico e arquitetônico.

São Luís
2007

PAULA MENDONÇA TEIXEIRA

IGREJA E CONVENTO DO CARMO DE SÃO LUÍS:

um resgate histórico e arquitetônico.

Trabalho Final de Graduação apresentado
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Estadual do Maranhão
requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Ms. Thaís Zenkner.

São Luís
2007

Teixeira, Paula Mendonça.

Igreja e Convento do Carmo de São Luís: um resgate histórico e arquitetônico / Paula Mendonça Teixeira. – São Luís, 2007.

84 f. : il.

Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2007.

1. Igreja e Convento do Carmo – São Luís. Arquitetura e Religião. História.
I. Título.

CDU 726.54'71 (812.1)

PAULA MENDONÇA TEIXEIRA

IGREJA E CONVENTO DO CARMO DE SÃO LUÍS:

um resgate histórico e arquitetônico.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto Urbanista.

Aprovada em __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Arq. Ms. Thaís Zenkner (Orientadora)

Prof^a. Arq. Ms. Margareth Gomes de Figueiredo

Prof^a. Arq. Ms. Lúcia Nascimento (Convidada)

A Virgem Mãe do Carmelo.

AGRADECIMENTOS

A Santíssima Trindade pelos dons que me concedeu somente por amor e misericórdia.

A Virgem Mãe de Deus, Maria santíssima, pelo modelo de mulher a qual me inspiro ser.

Ao meu anjo da guarda por ter me guardado e iluminado em cada momento de minha vida.

A minha avó Conceição (*in memoriam*), por sua intercessão para que me tornasse a mulher que hoje sou. Aos meus familiares pela paciência, apoio e compreensão.

A minha mãe, Miuria, por ser a mãe mais carinhosa do mundo.

Ao meu pai, Weberjone, por todo suor derramado para que não faltasse nada em minha vida.

Ao meu irmão, Marcelo, pelo apoio e amor sem limites.

Ao meu noivo Earles pelo amor, incentivo e confiança, que me impulsionaram na concretização desse trabalho.

Aos meus padrinhos, Geraldo e Carminho, por estarem sempre ao meu lado quando mais precisei, acreditando, confiando e, principalmente, me amando.

A Dão, Hellen e Cris, primos e amigos que sempre levo no coração pela colaboração e incentivo na finalização desse trabalho.

Ao meu tio Alberto por durante muito tempo ter colaborado com meus estudos.

A minha mais que amiga, um verdadeiro anjo, Tatiana de Paula. Por todas as vezes que com paciência me ensinou a ser arquiteta, obrigada pela confiança, doação, lealdade, compreensão, oportunidade e amor.

Ao prof^o. João Luna, pelos ensinamentos e incentivo que me fizeram ingressar nessa área de trabalho.

A todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA pelo conhecimento cedido em especial a minha orientadora Thaís Zenkner, uma mulher admirável.

Aos funcionários do curso Zé Carlos, Lurdinha e Beth que com paciência me atenderam em todas as minhas necessidades.

Aos colegas de curso que me acompanharam e ajudaram na perseverança desta conquista. Em especial Deborah, Diogo, Babi, Denise e Nayra.

A Maria de Fátima pelas dicas, sugestões e bibliografias cedidas, mas principalmente pelo exemplo de força e determinação em viver e vencer.

Aos amigos de profissão que conheci em meus estágios, Arq. João Goulart do estágio pelo IPHAN, Eng^o. Bonfim, Eng^a. Maria José, Eng^o. Cleverson e Eng^a. Solange do estágio do INSS e, em especial, pelos meus atuais superiores no SENAI , Arq. Ricardo Lemos, Eng^o. Joaquim e Arq. Tatiana de Paula.

A Dayane sempre disponível a colaborar na solução de minhas interrogações e necessidades.

Aos freis da ordem do pobre Francisco, também arquitetos da Igreja de Nosso Senhor, Frei Paulo Sérgio e Frei Rogério Beltrami, confessor, amigo, exemplo de santidade e inteligência em Cristo por sua santa paciência e colaboração nos estudos dessa pobre serva de Deus. Assim, como gostariam de ser lembrados, por último, porém em primeiro lugar no meu coração. Meus humildes e mais verdadeiros agradecimentos.

“Eu, nesta monografia acordei algumas, mas muitas das mais ainda ficam adormecidas à espera de quem lhes dê fôlego e fala viva”.

Frei Rogério Beltrami

RESUMO

Um resgate da História e da Arquitetura da Igreja e Convento do Carmo de São Luís – Ma desde sua fundação até os dias atuais. Desperta-se uma nova visão aos arquitetos e pesquisadores sobre as transformações arquitetônicas sofridas através de um resgate de imagens. Aborda-se um paralelo entre a história de São Luís e a história do Carmo mostrando a importância deste patrimônio à sociedade e religiosidade maranhense. Pretende-se ainda despertar o reconhecimento da arquitetura de preservação e adequação utilizada pelos missionários Capuchinhos na Igreja, Convento e anexos do Carmo.

Palavras-chave: Igreja e Convento do Carmo – São Luís. Resgate Arquitetônico. História e Religião.

ABSTRACT

One has rescued of the History and the Architecture of the Church and Convent of the Carmo of São Luís - MA since its foundation until the current days. A new vision to the architects and researchers is awaked on the transformations architectural suffered through a rescue of images. A parallel is approached enters the history of São Luís and the history of the Carmo showing the importance of this patrimony to the society and religion in this country. It is still intended to awake the recognition of the preservation architecture and adequacy used for the missionaries Capuchinhos in the Church, Convent and annexes of the Carmo.

Keywords: Church and Convent of the Carmo - São Luís. Architecture. History and Religion

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Missão dos Padres Capuchinhos no Maranhão.....	18
Figura 2 – Levantamento da Cruz.....	21
Figura 3 - Igreja de Santo Antônio e Seminário – S. Luis.....	24
Figura 4 – Igreja de Santo Antônio, 2007.....	24
Figura 5 – Catedral - S. Luís.....	25
Figura 6 – Igreja da Sé, 2007.....	25
Figura 7 – Igreja do Desterro, 1908.....	26
Figura 8 – Igreja do Desterro, 2007.....	26
Figura 9 – Igreja das Mercês.....	27
Figura 10 – Igreja e Convento das Mercês, 2007	27
Figura 11 – Igreja de São João.....	28
Figura 12 – Igreja de São João, 2007.....	28
Figura 13 – A Nova Igreja de N. S. dos Remédios.....	29
Figura 14 – Igreja dos Remédios, 2007.....	29
Figura 15 – Igreja do Rosário.....	30
Figura 16 – Igreja do Rosário, 2007.....	30
Figura 17 – Igreja de São Pantaleão.....	31
Figura 18 – Igreja de S. Pantaleão, 2007.....	31
Figura 19 – Igreja de Santana.....	32
Figura 20 – Igreja de Santana, 2007.....	32
Figura 21 – Detalhe de imagem sem título (1789).....	33
Figura 22 – Planta da cidade de São Luís de 1641, registrada pelos Holandeses.....	36
Figura 23 – Lápides nas paredes do Convento do Carmo.....	37
Figura 24 – Alcântara do Maranhão. Alcântara - Brasil, 2002.....	39
Figura 25 – Igreja do Carmo – Alcântara.....	39
Figura 26 – Inscrição do Liceu na fachada do Convento.....	40
Figura 27 – Azulejos da Fachada da Igreja do Carmo.....	41
Figura 28 – Frei Carlos e seus companheiros.....	43
Figura 29 – Festa de Santa Filomena depois da missa	44
Figura 30 – Antigo Retábulo e Nave da Igreja do Carmo.....	45

Figura 31 – Novo altar de mármore	46
Figura 32 – Novo altar e detalhes dos vãos de iluminação.....	46
Figura 33 – Levantamento do pavimento térreo do Carmo, 1917	48
Figura 34 – Levantamento da fachada do Carmo	49
Figura 35 – Igreja Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do piso parte externa P.P.P.8 e P.C.P.P.6, 2002.....	50
Figura 36 – Detalhe do piso P.P.P.9, P.P.P.10 e P.C.P.P.7.....	51
Figura 37 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo, 2002. Tardoz do ladrilho Hidráulico “Paray Le Monial. Saone & Luire”	51
Figura 38 – Ladrilho Hidráulico fabricado pelos Capuchinhos.....	55
Figura 39 – Antiga pia da sacristia da Igreja do Carmo, que se encontra atualmente no museu sacro.....	52
Figura 40 – Igreja do Carmo.....	53
Figura 41 – Igreja e Convento do Carmo, 1908.....	55
Figura 42 – Planta baixa do pavimento térreo do Convento, 1931.....	55
Figura 43 – Planta baixa do pavimento superior do Convento, 1931.....	57
Figura 44 – Corte AB do Convento, 1931.....	58
Figura 45 – Corte CD do Convento, 1931.....	59
Figura 46 – Título da Planta do Carmo Desenhada pelo engenheiro Luis Silva.....	59
Figura 47 – Parte nova do Convento do Carmo.....	60
Figura 48 – Ala leste do Convento fora da tipologia original.....	61
Figura 49 – Fachada da Capela de S. Teresa e Centro Pio XII.....	61
Figura 50 – Fachada Atual da Igreja e Convento do Carmo, ano 2007.....	63
Figura 51 – Detalhes da Fachada da Igreja.....	64
Figura 52 – Pequena fonte no arrimo do adro da Igreja.....	65
Figura 53 – Detalhe da escadaria curvilínea e guarda-corpo.....	65
Figura 54 – Fachada da Policlínica e N. Senhora do Carmo.....	66
Figura 55 – Vista central do interior da Igreja do Carmo	66
Figura 56 – Amostra do revestimento original da igreja	67
Figura 57 – Altar lateral de Santo Antônio.....	68
Figura 58 – Altar lateral de São Francisco.....	68
Figura 59– Altar lateral do Sagrado Coração de Jesus.....	68
Figura 60 – Altar lateral da Paixão de Cristo, antigo acesso à Capela dos	

Passos.....						
Figura	61	–	Altar-mor	da	Igreja	do Carmo.....
						68
						69
Figura 62 – Detalhe do forro da nave.....						69
Figura 63 – Ladrilho hidráulico e granito no piso da nave.....						70
Figura 64 – Claustro do convento.....						70
Figura 65 – Corredor da parte nova do Convento.....						71
Figura 66 – Museu da Igreja do Carmo.....						72
Figura 67 – Biblioteca do Carmo.....						72

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Contrato de doação de parte do Convento à Prefeitura Municipal.....	77
Anexo II – Folder do Museu da Igreja do Carmo.....	78
Anexo III – Folder da Casa do Pão de Santo Antônio.....	79
Anexo IV – Grau de informação em relação à história do Carmo.....	80
Anexo V – Frei Rogério em seus trabalhos de resgate histórico.....	81
Anexo VI – Planta baixa atual do Carmo – Térreo.....	82
Anexo VII – Planta baixa atual do Carmo - 2.pavimento.....	83
Anexo VIII – Planta baixa atual do Carmo - 3.pavimento.....	84

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	SÃO LUÍS NO SÉCULO XVII	17
2.1	Ocupação da Cidade.....	17
2.2	A Cidade e a Religião.....	20
2.3	Breve Histórico das Igrejas e Conventos de São Luís.....	22
3	A IGREJA E O CONVENTO DO CARMO	34
3.1	Os Carmelitas e a Construção na Colina Alta.....	34
3.2	A Expulsão dos Holandeses.....	36
3.3	Da Riqueza à Ruína	38
4	AS INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS	47
4.1	A Missão de Reconstruir a Igreja.....	48
4.2	As Alterações no Convento do Carmo.....	58
4.3	A Capela de Santa Teresa e Outros Anexos.....	66
5	A IGREJA ATUAL	68
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77

REFERÊNCIAS.....	74
ANEXOS.....	76

1 INTRODUÇÃO

As Igrejas e Conventos dos centros históricos sempre despertaram a curiosidade e o interesse tanto de pesquisadores quanto de leigos. Essas edificações contribuíram sistematicamente na formação cultural, social e religiosa das cidades, ora desenvolvendo iniciativas próprias, ora cedendo espaço físico aos essenciais instrumentos de formação urbana como: escolas, bibliotecas, laboratórios de pesquisa, e outros. Em São Luís – MA, as primeiras edificações religiosas datam do Século XVII e simbolizam o passado histórico ludovicense.

Dentre tais edificações, destaca-se nesta pesquisa a Igreja e Convento do Carmo, por sua participação na história desta cidade, pelas consideráveis alterações arquitetônicas ao qual foi submetida ao longo dos anos e ainda, pela conservação da funcionalidade primitiva do edifício que, apesar da demanda de turistas, permaneceu oferecendo assistência religiosa e social a centenas de fiéis diariamente.

Para realização da pesquisa, analisaram-se as iniciativas de ocupação na cidade de São Luís e a religiosidade proveniente destes colonizadores, fez-se um breve histórico de várias Igrejas e Conventos de São Luís – MA, assim como da história da missão capuchinha e as intervenções arquitetônicas ocorridas na Igreja e Convento do Carmo acrescido de glossário para maior compreensão dos termos arquitetônico-religiosos.

Com isso, objetivou-se resgatar a história e arquitetura da Igreja e Convento do Carmo através da análise de imagens, identificando-se as transformações arquitetônicas e correlacionando-se tais modificações aos fatos históricos ocorridos ao longo de sua existência. Desta forma, pôde-se construir uma análise arquitetônica fundamentada na história da edificação, apontando-se as questões históricas e sociais que contribuíram para estas transformações.

A pesquisa justifica-se e tem sua relevância pela ausência de estudos com foco em análises históricas e arquitetônicas que correlacionem a história da cidade de São Luís – MA e as alterações arquitetônicas do Carmo. Desta forma pretende-se contribuir com uma fonte de pesquisa nos campos da Arquitetura, História e Religião, bem como à população maranhense, para que tenham acesso a

novas informações, ampliando-se ainda mais seus conhecimentos a respeito das Igrejas de São Luís – MA e, em especial, a Igreja e Convento do Carmo.

Pode-se caracterizar esta pesquisa como sendo: bibliográfica, documental e de campo. A etapa de pesquisa bibliográfica deu-se a partir do levantamento de estudos já realizados acerca do tema proposto ou mesmo, temas correlatos que pudessem servir de embasamento teórico na elucidação do objeto de estudo. Foram levantados aspectos ligados à história de São Luís – MA, bem como de teorizações acerca da cidade e da religião. Em outro momento foram feitos levantamentos em documentos ligados à Igreja e ao Convento do Carmo para que se pudesse efetivar a etapa de pesquisa documental a partir a construção de um histórico de imagens e fatos que formasse o resgate tanto das questões históricas e sociais que envolveram a edificação ao longo do tempo, bem como as transformações arquitetônicas que se efetivaram neste mesmo período.

Na etapa de pesquisa de campo foram coletas imagens durante as visitas técnicas a fim de se fazer registros da atual situação arquitetônica da edificação. As imagens coletadas nesta fase da pesquisa serviram como dados atualizados que foram comparados aos já coletados no momento da pesquisa documental. A análise comparativa destas imagens, bem como o resgate histórico construído serviu de referência para o alcance dos objetivos propostos para esta pesquisa.

2 SÃO LUÍS NO SÉCULO XVII

A ocupação da cidade de São Luís – Ma e a história de sua colonização estão diretamente ligadas à sua arquitetura e religiosidade. Franceses e portugueses marcaram esta cidade para sempre; os primeiros, na escolha do sítio e os portugueses, no traçado e arquitetura. As edificações religiosas não fogem a esse padrão, as igrejas e conventos refletem em sua história inúmeros fatos relacionados a esta colonização.

Neste capítulo faz-se um breve histórico da cidade de São Luís – MA durante o Século XVII, período da ocupação européia e época onde surgem algumas Igrejas importantes, dentre elas, a Igreja e Convento do Carmo.

2.1 Ocupação da Cidade

“A história da iniciativa francesa no Maranhão é um dos episódios mais bem documentados no Brasil colonial” (COSTA, 2004: 33). Apesar da curta permanência dos franceses no Maranhão, apenas três anos, os fatos foram bem descritos pelos dois padres missionários capuchinhos Claudio d’Abbeville e Yves d’Evreux .

Segundo D’Abbeville (2002), a primeira missão comandada pelo capitão Jaques Rifault chegou a Ilha Grande¹ em 1594, estabelecendo um ponto de comércio de madeiras. Com intuito de mobilizar maiores recursos vista as riquezas aqui encontradas, Rifault retornou a França deixando em seu lugar Charles Des Vaux. Este estreitou laços de amizade com os tupinambás dedicando-se ao domínio da língua nativa.

Após dois anos de espera pelos “maiores recursos” de Rifault, Des Vaux resolve também ir à França. Não somente para expor todas as riquezas descobertas neste tempo de espera, mas, também alertar sobre tropas portuguesas que já estariam tentando uma tomada das terras.

¹ Também se chamava Ilha dos Tupinambás ou Upaon-açu.

Em 1612, parte da França a missão comandada pelo fidalgo Daniel de La Touche, também conhecido como Senhor de La Ravardiére, em companhia dos nobres Francisco Rasilly e Nicolau Harley.

Partiram em três naus (Charlotte, Regente e Saint Anne), com uma tripulação com cerca de quinhentos homens e quatro missionários católicos capuchinhos: Yves d'Evreux, Claude d'Abbeville, Ársene de Paris e Ambroise d'Amiens. Os religiosos estavam sob a recomendação da Rainha Maria de Médici que exigiu a implantação da religião católica nas novas terras descritas por Des Vaux. (ANANIAS, 2002).

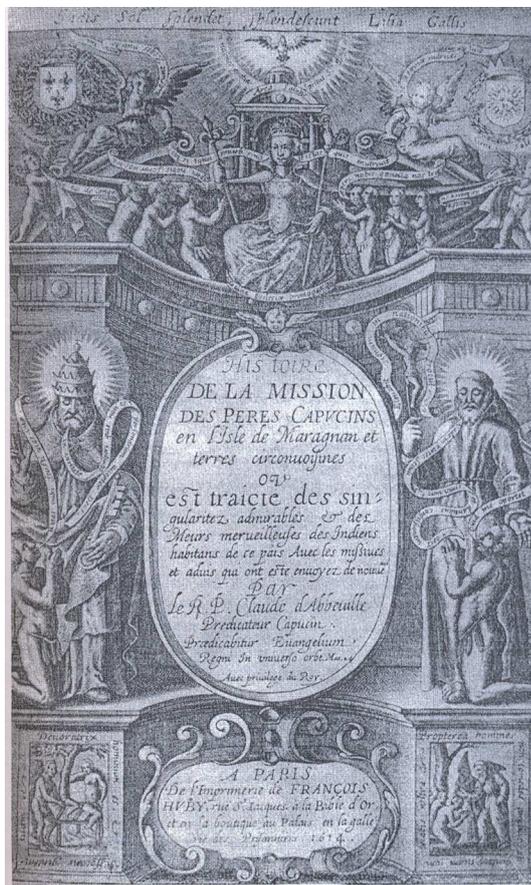


Figura 1 – Missão dos Padres Capuchinhos no Maranhão
Fonte – D'ABBEVILLE, 2002.

Ao chegarem ao Maranhão, os franceses primeiramente atracaram em Upaon-Mirim, onde plantaram ali uma cruz e batizaram a ilha de Saint' Anne, enquanto isso, Vaux estaria sondando a receptividade dos índios de Upaon-Açu.

Devido às promessas deixadas por Des Vaux, os índios aguardavam a chegada da esquadra francesa que logo se confraternizaram e selaram a paz celebrando a primeira missa no Maranhão em 12 de agosto de 1612.

Com a aceitação dos franceses pelos tupinambás, iniciou-se a construção de um forte. Assim, escolheram um lugar estratégico, com visão para os dois rios que circundam a ilha, já que havia rumores de uma tomada portuguesa a estas terras. Também erigiram a primeira capela do Maranhão.

[...] Em distância de mil ou mil e duzentos passos há um bonito lugar de recreio, onde existe uma fonte, especial pela limpidez e bom gosto de sua água. (...) Neste delicioso lugar os índios tupinambás derrubaram grande número de árvores e um pouco acima da fonte construíram uma grande e espaçosa casa para habitarmos, e outra mística, para a celebração do santo sacrifício da missa, servindo de capela. Demos a este lugar o nome de Convento de São Francisco [...] (D'ABBEVILLE, 2002: 47).

Em 8 de setembro de 1612, após estabelecimento de toda comunidade missionária, solenemente fundaram a colônia francesa, chamando-a de São Luís, em homenagem ao Rei menino Luís IX e com objetivos bem claros: estabelecer ali a França Equinocial. Porém, em pouco tempo, as tropas portuguesas conseguiram expulsar a esquadra francesa, durando apenas três anos o domínio francês.

Assim termina a curta ocupação francesa no Maranhão. Contudo, apesar do pouco tempo de ocupação caracterizou-se como muito significativa para a religiosidade dos primeiros habitantes e também para a escolha do sítio onde foi implantada a cidade de São Luís do Maranhão.

De acordo com o Tratado de Tordesilhas², assinado em 1494 entre Portugal e Espanha, as terras do Maranhão pertenciam legalmente a Portugal. Porém, na prática, a chegada portuguesa ao Maranhão foi tardia. Não por desinteresse total das autoridades portuguesas, mas sim, pelo método cruel com o qual eram tratados os habitantes nativos que reagiam negativamente às investidas por terra, bem como a difícil rota marítima cheia de bloqueios naturais.

“As várias tentativas frustradas de seus donatários (1535, 1554, e 1573) e do fracasso de outras expedições por terra (1591, 1603, 1607)” (LACROIX, 2004: 29), fizeram do Maranhão uma verdadeira fortaleza indígena frente às investidas de Portugal.

² O Tratado de Tordesilhas foi celebrado entre Portugal e Espanha, e dividia as terras do Novo Mundo, somente entre esses dois países.

Naquele tempo, “Calcula-se uma população de 225 mil índios em todo o Estado” (MELO, 2006: 34) . Este quantitativo praticamente reduziu à metade quando tribos inteiras foram exterminadas pelas tropas portuguesas ou por contágio de doenças européias.

Por alguns anos, abandonado por Portugal, o Maranhão tornou-se um atrativo para outros países, em especial, os não favorecidos pelo Tratado de Tordesilhas, como a Holanda e a França, esta última já tendo previamente estabelecido uma gradativa estratégia de contato e aproximação com os nativos.

Contudo, após a expulsão francesa, os portugueses traçaram estratégias mais colonizadoras e aproveitando o sítio escolhido, reconstruíram o forte e expandiram a cidade para o núcleo da Praia Grande, seguindo uma traça desenhada pelo engenheiro-mor português Francisco Frias de Mesquita.

2.2 A Cidade e a Religião

Segundo Costa (2004), os franceses aqui vieram não apenas para extrair riquezas e proclamar a não aceitação do Tratado de Tordesilhas, mas, a importância dada ao projeto evangelizador nas novas terras, foi de tal modo responsável pelo sucesso de toda missão. Assim os franceses fundaram uma colônia com bases sólidas no cristianismo, obedecendo ao conselho de sua Rainha.

Em 8 de setembro de 1612, junto a solenidade de fundação da cidade, celebrou-se a primeira missa na Ilha de São Luís. Após a celebração saíram em procissão os comandantes franceses e os principais chefes indígenas carregando o crucifixo que fincado num ponto escolhido³. Neste momento, todos se puseram a adorar e entoar cantos apropriados e, é importante resaltar que Des Vaux se dispunha a traduzir aos indígenas todas as orações e cantos, (MEIRELES, 1960).

³ O local escolhido para ser fincado o crucifixo foi onde hoje está situada a Avenida Pedro II.



Figura 2 – Levantamento da Cruz.
Fonte – D'Abbeville, 2002.

A missão capuchinha colaborou consideravelmente na pacificação dos nativos, já que praticavam a política do “*douceur*” (doçura), isto é política de bem tratar os índios.

Cita-se então a religiosidade trazida da França como chave de abertura as riquezas que esta terra oferecia. Pois até então, os nativos eram a principal resistência à colonização portuguesa e, aos franceses, se faziam principais aliados.

Foi desta forma, através da docilidade do Espírito Santo, que os capuchinhos franceses evangelizavam sem torturas ou crueldades os nativos do Maranhão, os tupinambás, alcançando o objetivo de toda a tropa, evangelização e exploração das terras.

[...] Porque aquilo que os portugueses não podem adquirir, [mesmo] empregando toda sua indústria e mercadorias, o francês adquiriu quase sem esforço, a saber, a doce e voluntária sujeição, que estas gentes aceitam sob o Rei dos franceses: E em seguida, o desejo, que eles têm, de conhecer Deus, E de ser [salvos] pelo batismo [...] (COSTA, apud, D'EVREUX, 2004: 42).

As ordens religiosas que se estabeleceram no Maranhão, no Século XVII sempre tiveram a preocupação com a construção de templos de forma a atender a necessidade de catequização. A partir dos relatos de D'Abbeville (1945) sabe-se que na ocupação da cidade de São Luís – MA, os franceses ergueram a primeira cruz, assim como construíram uma capela tosca e provisória⁴.

Com a reconquista das terras por parte dos portugueses, além dos capuchinhos, o Maranhão também passa a receber outras ordens religiosas, os mercedários, carmelitas e jesuítas.

Os carmelitas contribuíram sistematicamente para o crescimento da cidade. Segundo Marques (1970), em 1627 eles construíram a atual Igreja e Convento do Carmo sobre a antiga Capela de Santa Bárbara.

Entende-se que, as ordens religiosas contribuíram não somente para catequização da população, mas também, eram referências importantes da cidade naquele período e suas igrejas e conventos serviam como pontos de expansão e crescimento.

2.3 Um Breve Histórico das Igrejas e Conventos de São Luís

As Igrejas católicas são edificações construídas com a finalidade principal de reunir a população de uma cidade em torno do principal momento do cristianismo, a “transubstanciação”⁵.

Com o chamado à evangelização em todas as partes do mundo, logo surgiram os primeiros pontos na cidade reservados ao sacrifício da Santa Missa. Assim, as ordens religiosas foram aqui se instalando e erigindo seus templos paralelamente as construções residenciais.

Sempre associados às Igrejas, os conventos são os locais onde residem os membros de uma comunidade religiosa. Dotados de claustro, celas, biblioteca, refeitório, horta e outras acomodações desempenhavam um papel importante na formação e desenvolvimento das cidades, abrigo a fonte cultural e científica da sociedade.

⁴ O Convento de São Francisco hoje Convento de Santo Antônio.

⁵ Transformação de pão e vinho em Corpo e Sangue de Jesus Cristo.

Em São Luís, apresentam-se em planta quadrangular com jardim⁶ central. Nenhum dos exemplares erigidos nesta cidade apresenta a forma original. Os que não caíram em ruínas sofreram alterações significativas, como esclarece Silva Filho (1998).

São Luís, comparada às outras cidades, possui poucas igrejas. Segundo Moraes (1995), nos maranhenses, o sentimento de religiosidade nunca foi generalizado e ardente. Esta pode ser a herança da vitória de uma colonização (portuguesa) lucrativa mais que evangelizadora (francesa).

Neste contexto, um exemplo deste fato é a construção da Igreja de São João Batista, erguida em 1665 pelo Governador Rui Vaz de Siqueira como penitência pelo pecado cometido com uma bela “socialite” casada, tendo sido gerado um filho desta relação.

Outro acontecimento trata-se do Convento e Igreja das Mercês, comprados por quatro contos de réis pelo Governo do Estado no início do Século XIX, onde a Igreja foi demolida para no local funcionar o quartel da polícia militar e corpo de bombeiros. De qualquer forma, a cidade desde o período de sua fundação, tem acumulado alguns belos exemplares de templos religiosos, destacando-se entre eles:

- a) Igreja e Convento de Santo Antônio (1612) – localizados no Largo de mesmo nome, é o mais antigo convento do Maranhão. Fundado pelos franceses com o nome de Convento de São Francisco. Após expulsão dos franceses, o primitivo convento e Igreja de Santo Antônio foram erguidos pelo capucho Frei Cristóvão de Lisboa, religioso da província de Santo Antônio em Portugal. Em 1624, era “baixo, acaçapado, de proporções acanhadas, não tinha torre alguma na frente, existindo uma, pequena e muito baixa, nos fundos, por detrás do lugar onde se vê hoje o altar de Nossa Senhora da Conceição.” (AMARAL, 2003: 51). Em 1850 com a decadência das ordens religiosas a ruína alcançou o convento. Porém, neste período o Frei Vicente de Jesus foi nomeado guardião do convento e iniciou a reconstrução da Igreja em 1856. Segundo Marques (1970), o autor da planta da Igreja foi o engenheiro João Antônio dos Santos. Muitos fatos históricos de São Luís estão

⁶ Também chamado “claustro” pela nomenclatura dos espaços sagrados.

ligados a esse templo. Cita-se dentre eles o “Sermão aos Peixes” pregado pelo Padre Antônio Vieira, a partida da tropa comandada por Beckman, e a crônica do famoso “Processo das Formigas”. Conforme Figuras 3 e 4.



Figura 3 – Igreja de Santo Antônio e Seminário São Luís.

Fonte – MARANHÃO, 1908.



Figura 4 – Igreja de Santo Antônio, 2007.

- b) Igreja de Nossa Senhora da Vitória (1620) – hoje catedral metropolitana ou Igreja da Sé. Situa-se na Avenida Pedro II. Edificada pelos jesuítas onde antes havia um hospício e a capela de Nossa Senhora da Luz, fundados pelos capuchinhos franceses. Arruinada após a invasão holandesa (1641). Planejaram erguer em seu lugar nova ermida projetada pelo tenente-coronel engenheiro Custódio Pereira, para isso seriam vendidos 200 índios, o que não aconteceu e o projeto não foi executado (CRUZ, 1953). Foi restaurada pela primeira vez em 1713. A primeira torre foi erguida em 1737, decorada com um relógio doado pela Casa da Câmara. Tornou-se a Catedral de São Luís em 11 de junho de 1761. A outra torre foi acrescentada por D. Helvécio Gomes de Oliveira (1918 – 1922), atribuindo também

novos traços arquitetônicos à fachada. Antes barroco agora neoclássica. Seu altar-mor é talhado em ouro ao gosto barroco revelando o simbolismo do mistério cristão através de imagens como sol, lua, cálice, palmas, estrelas e flores. No frontão encontra-se a imagem de Nossa Senhora da Vitória também confeccionada por D. Helvécio em homenagem a vitória milagrosa de Guaxenduba⁷. Sua última restauração data de 1998. Conforme Figuras 5 e 6.



Figura 5 – Catedral – São Luís.
Fonte – MARANHÃO, 1908.



Figura 6 – Igreja da Sé, 2007.

- c) Igreja de Nossa Senhora do Desterro (1640) - De acordo com Lima (2002), a princípio, a Igreja do Desterro possuía cobertura de palha e sua porta principal era voltada para a praia onde hoje se encontra o altar-mor. Profanada pelos soldados holandeses na época de sua invasão em 1641, iniciou-se um processo de abandono chegando a completa ruína em 1832. Os moradores das proximidades, José de Lê e Antônio Furtado de Queixo, iniciaram a sua reconstrução, porém, com o passar dos anos a Igreja voltou ao estado de ruína. Em 1865 cogitou-se transformar a área em um mercado de peixes, para isso, a Igreja seria completamente demolida. Mas, a situação foi revertida

⁷ Vitória portuguesa sobre as tropas holandesas pelas terras do Maranhão.

graças à intervenção de um grupo de pessoas que se dispuseram reergue-la. A conclusão desta reforma deu-se em 1869, já apresentando seus traços atuais: uma fachada em estilo colonial simples, única torre sineira encimada por um gradil, cúpula em forma de bulbo coroada por uma cruz de ferro. Esse templo localiza-se ao fim da Rua da Palma no Largo que leva o nome da Igreja. “Apesar das diferentes formas, jamais lhe alteraram o feitio primitivo. O traçado é o mesmo do tempo de José Lê, com aquela imponente torre mandada construir pelas senhoras maranhenses”. (CRUZ, 1953: 43). Conforme Figuras 7 e 8.



Figura 7 – Igreja do Desterro, 1908.
Fonte – ANDRÉS, 1998.



Figura 8 – Igreja do Desterro, 2007.

- d) Igreja e Convento das Mercês (1654) - situa-se ao final da Rua da Palma e Estrela. Construídos pelos Freis mercedários Marcos da Natividade e João Cerveira, vindos do Pará. Inicialmente, construída com paredes de taipa e cobertura de palha, foram ampliados em pedra e cal no ano de 1655. Em 1863, sofreu novas reformas no bispado de Dom Luís da Conceição Saraiva, tomando as proporções atuais. Esta ordem acumulou grandes riquezas em terras maranhenses atraindo os olhares dos verdadeiros “mercenários” locais ligados ao governo. Foram então desapropriados da ordem o Convento e a

Igreja por ordem judicial e adquirida pelo Governo do Estado em 1907 por quatro contos de réis. A Igreja das Mercês foi demolida para ali funcionar o Quartel da Polícia Militar do Estado e o Corpo de Bombeiros. Completamente desfigurado, com sua Igreja demolida e a frente invertida para Rua do Giz, o antigo Convento, hoje Fundação José Sarney, ainda é alvo de polêmica política. Seu claustro é o maior dos conventos aqui estabelecidos, os arcos que o rodeiam dando acesso as antigas celas são de beleza colonial reconhecida internacionalmente. Conforme Figuras 9 e 10.



Figura 9 – Igreja das Mercês.
Fonte – MARANHÃO, 1908.



Figura 10 – Igreja e Convento das Mercês,
2007.

- e) Igreja de São João Batista (1665) – localiza-se no cruzamento da Rua da Paz com a Rua de São João. Foi erigida pelo governador maranhense Rui Vaz Siqueira. Segundo Cruz (1953), o motivo de sua construção foi a penitência por ter cometido pecado de infidelidade com uma mulher casada da sociedade. Reconstruída em 1934 sem alterações arquitetônicas, manteve sua fachada neoclássica com as indicações: “1665 – *SANCTI JOANNIS BAPTISTA ECCLESIA*”. Possui imponente escadaria de acesso que consegue dividir o espaço sagrado do concorrido estacionamento que seu pequeno largo oferece aos comerciários do centro da cidade. Em seu interior

encontram-se duas particularidades: a primeira delas são as 10 imagens ali existentes, cada uma com seu altar. Estes altares estão distribuídos pelo perímetro da nave central sendo dois deles localizados junto a dois pilares centrais. A segunda particularidade é o altar lateral ao altar-mor onde acontece adoração eucarística permanente. Este pode ser considerado o maior atrativo dos fiéis. Este altar em estilo neoclássico é circundado por guarda-corpo em madeira possuindo assembléia própria. Conforme Figuras 11 e 12.



Figura 11 – Igreja de São João, 1908.
Fonte – MARANHÃO, 1908.



Figura 12 – Igreja de São João, 2007.

- f) Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (1719) - situa-se ao fim da Rua Rio Branco, na Praça Gonçalves Dias. É a única igreja de São Luís com influências do gótico. Internamente, é simples, com somente dois altares laterais ao altar-mor, ressalta-se apenas seu coro em madeira que se estende pelas laterais sendo o maior de São Luís. Segundo Cruz (1953), este templo foi erguido no sítio que pertenceu João da Silva Cutrim, cedido ao capitão Manoel Monteiro de Carvalho para construção de um santuário a “milagrosa santa”. Possivelmente, tenha ele alcançado um milagre e cumprido sua promessa. Após sua primeira reforma, uma lápide foi chumbada na entrada do templo com

a inscrição “*Nossa Senhora dos Remédios, protectora do comércio e navegação, anno de 1804*”. Sofreu uma segunda reforma a qual terminou somente em 1930. Nestas últimas obras foram empregadas as pedras de lioz da Igreja de São Matias da cidade de Alcântara do Maranhão. “Os santos apóstolos que ornamentam a fachada atual da Igreja pesam 1500 quilos cada um e, ali foram colocados pelo mestre Belfort. Inegavelmente é um dos mais artísticos do Maranhão” (CRUZ, 1953: 51). A vista privilegiada para Baía de São Marcos e sua localização na praça mais bela da cidade faz dessa Igreja a mais requisitada tratando-se de celebrações eucarísticas de casamento, formatura, e outros. Conforme Figuras 13 e 14.



Figura 13 – A nova Igreja de N. S. dos Remédios.
Fonte – REVISTA DO NORTE, 1903



Figura 14 – Igreja dos Remédios, 2007.

- g) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1776) – localizada na esquina da Rua do Egito com a Rua de Santo Antônio a Igreja do Rosário foi erigida em terreno doado pelos Carmelitas onde antes havia o Convento do Carmo ou Carmo Velho. Segundo César Marques (1970), em 1º de novembro de 1814 sai dessa igreja a primeira procissão. Erguida com sacrifício pela irmandade dos homens pretos devotos de Nossa Senhora do Rosário e ainda inacabada, a obra foi escolhida pelo prelado como substituta para celebrações da

Catedral, quando esta foi interditada por ter sido atingida por um raio. O templo possui uma fachada simples, exemplar do barroco colonial, um frontão curvilíneo e duas torres sineiras. Interiormente, a nave possui dois altares laterais e altar-mor bem trabalhados com adornos. Também apresenta belos painéis em azulejos portugueses nas paredes da sacristia. “o piso do adro e dos corredores laterais é de tijolos de barro vermelho, a do centro do corpo da nave é de madeira dividido em tampas de 2 metros de comprimento por 1 de largura. Cada tampa representa uma sepultura. São numeradas. O altar-mor talhado em alvenaria é novo, salta a vista do visitante.” (CRUZ, 1953: 37).



Figura 15 – Igreja do Rosário.
Fonte: ANDRÉS, 1998.



Figura 16 – Igreja do Rosário, 2007.

- h) Igreja de São Pantaleão (1780) - localizada na rua de mesmo nome, está erigida em um dos pontos mais altos da cidade. De acordo com Lima (2002), foi reconstruída por iniciativa de Pantaleão Rodrigues de Castro e Pedro da Cunha sob invocação de Igreja de São José da Cidade. Em 1893, doado o templo por Pantaleão e seu filho Manoel Rodrigues de Castro à Casa de Misericórdia, este, ganhou novo nome,

Igreja de São José da Misericórdia, mostrando que as Igrejas também mudavam de nome como as ruas da cidade. O povo, confuso com tantos nomes, passaram a invocá-la por Igreja de “Seu Pantaleão”. Serviu de quartel a pedido da Câmara Municipal devido a falta de local para acomodação da tropa, assim como “casa dos expostos” mantendo a roda⁸ por vários anos. Conforme Figuras 17 e 18.

[...] Dizem os antigos moradores de São Luís, confiados na tradição que apesar de designada com o nome de São José da Cidade, a Igreja era conhecida como a de “Seu Pantaleão”, por causa do construtor, e daí transformar-se definitivamente em Igreja de São Pantaleão. (CRUZ, 1953: 54).



Figura 17 – Igreja São Pantaleão
Fonte – MARANHÃO, 1908



Figura 18 – Igreja de S. Pantaleão, 2007.

- h) Igreja de Santana (1794) - pouco se sabe sobre este patrimônio construído pelo Cônego Agostinho Aranha. Localizada na Rua de Santana, permanece firme diante buzinas e engarramentos ao seu redor. Segundo Cruz (1953), preserva seu desenho original, com paredes laterais do adro e corpo da nave revestido de azulejo até altura de 1 metro. Piso de madeira e cerâmica vermelha. Na sacristia, uma pintura em painel de azulejo representa a descida de Jesus na cruz. É o edifício religioso com arquitetura original mais

⁸ Espécie de orfanato que acolhia crianças e excluídos da sociedade.

conservada de São Luís, tanto externa quanto interna, onde exibe uma beleza colonial de encher os olhos. Conforme Figuras 19 e 20.



Figura 19 – Igreja de Santana
Fonte – BRASIL, 1979



Figura 20 – Igreja de Santana, 2007.

A partir dos estudos realizados sobre as primeiras Igrejas de São Luís, resgatou-se um mapa do ano de 1789 intitulado: “Detalhe de Imagem sem Título” retirado do CD-room de Reis Filho (2000), onde destacam-se as Igrejas mais antigas de São Luís, inclusive a Igreja e Convento do Carmo conforme Figura 21.

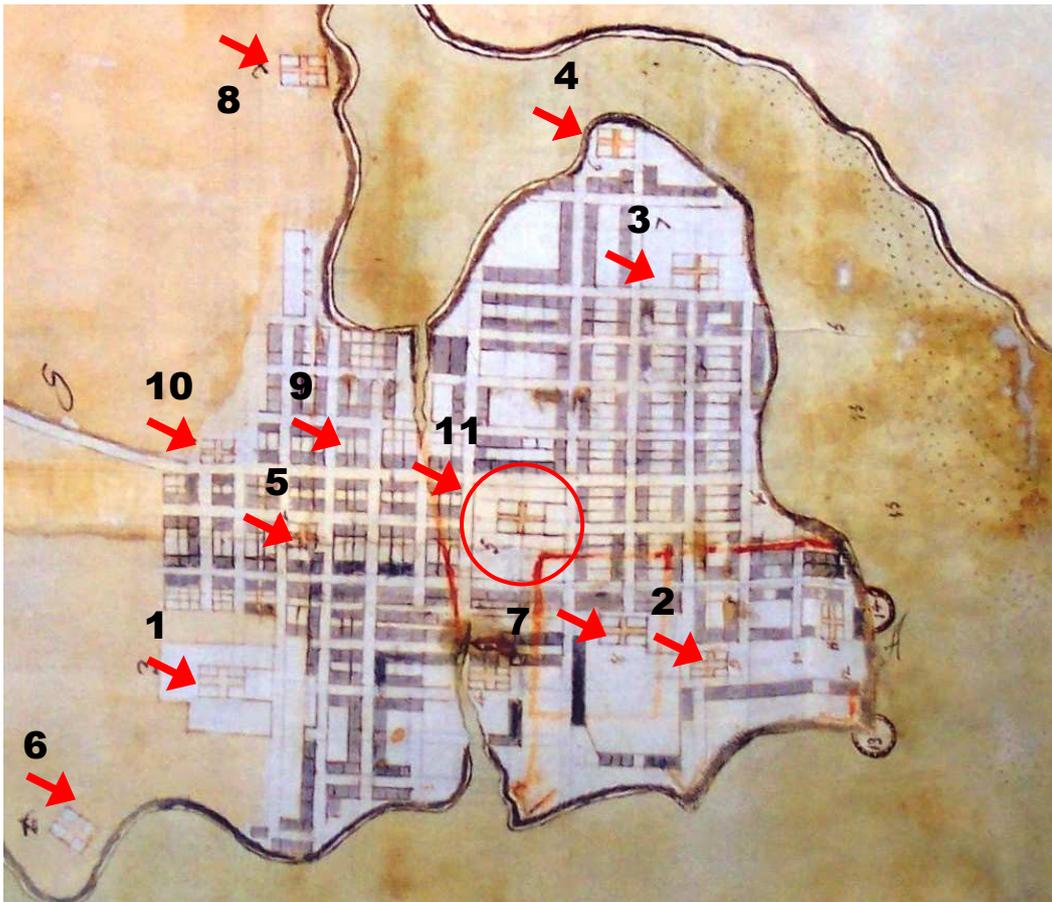


Figura 21 – Detalhe de imagem sem título (1789).
Fonte: REIS FILHO, 2000.

Legenda:

- 1 – Igreja de Santo Antônio (1612)
- 2 – Igreja da Sé (1640)
- 3 – Igreja e Convento das Mercês (1654)
- 4 – Igreja de Nossa Senhora do Desterro (1640)
- 5 – Igreja de São João Batista (1665)
- 6 – Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (1719)
- 7 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1776)
- 8 – Igreja de São Pantaleão (1780)
- 9 – Igreja de Santana (1794)
- 10 – Igreja da Conceição (demolida)
- 11 – Igreja do Carmo (1627)

3 IGREJA E CONVENTO DO CARMO

3.1 Os Carmelitas e a Construção na Colina Alta

A Ordem do Carmo surgiu no fim do século XII proveniente do monaquismo cristão, prática de recolhimento para maior conhecimento de Deus e de si mesmo. O Monte Carmelo, localizado em Israel com visão para o Mar Mediterrâneo, tornou-se local atraente a esses praticantes chamados inicialmente de “Padres do Deserto”⁹.

Após ocupação do Monte Carmelo, os “Carmelitas” edificaram ali sua primeira Igreja dando início a esta ordem religiosa que hoje é muito conhecida pela devoção ao escapulário¹⁰.

Segundo AMARAL (2003), os primeiros carmelitas que chegaram em São Luís – Ma, desembarcaram junto à esquadra portuguesa de Jerônimo de Albuquerque em 1624. Eram eles os Padres André da Natividade e Cosme da Anunciação.

Quanto à primeira instalação dessa ordem em São Luís – Ma , Lima (2002) conta que há uma controvérsia. Assim, para Marques (1970), teria sido o Convento de Santo Antônio sua primeira acomodação, enquanto Meireles (1996) cita as proximidades da atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, chamando-a de Carmo Velho.

Conforme à descrição de Meireles (1960) que se segue afirmada junto à de Beltrami (1994: 23) tem-se que: “Depois da vitória sobre os franceses, o comandante deu aos carmelitas um terreno para construir o convento (...).O terreno, por eles recebido em 20/02/1616 e onde iniciaram seu primeiro convento, corresponde à atual Igreja do Rosário, naturalmente com terrenos anexos e dependências. Somente mais tarde, eles puderam se estabelecer na colina ensolarada e mais alta da cidade, no topo da qual hoje se ergue o Carmo.”

⁹ Assim chamados porque procuravam inicialmente o deserto para suas práticas espirituais.

¹⁰ Objeto de devoção mariano formado por dois pequenos pedaços quadrados de pano bento usado no pescoço (sobre as escápulas), que trás reconhecida tradição e história.

O único pedido da coroa portuguesa em troca de tal doação de terras foi que todas as madeiras que houvessem nestas terras fossem cedidas para fabricação de embarcações e engenhos de açúcar. Segundo Amaral (1953), um ano mais tarde, em 1616, o primeiro governador cedeu mais sessenta braças de terras para proveito da ordem, e trinta braças mais para construção de casas e quintal. Esta área corresponde hoje à extensão da Rua do Egito.

Em 1623 a ordem já tratava da construção de um novo convento e uma nova Igreja. Vê-se hoje que, escolheram a colina central e alta da cidade de frente para o mar com leve inclinação na implantação do traçado ortogonal português. Atribuição que lhe favoreceu a criação de um largo.

De acordo com Amaral (2003), essa construção tomou maior ânimo com a chegada de dois frades desta ordem vindos de Pernambuco, em 1624, Frei Francisco da Purificação, mestre de cerimônia do convento de Lisboa, e Frei Gonçalo da Madre de Deus, natural do Porto.

[...] O fato é que em 1627 construíram um segundo templo e uma Igreja, em uma colina onde já existia a capela dedicada a Santa Bárbara, e veio a ser este o Convento de Nossa Senhora do Monte Carmelo, ou *Carmo Novo*, na atual Praça João Lisboa [...] (LIMA, 2002: 74).

O projeto arquitetônico, possivelmente foi trazido pelos Freis missionários em 1624. Citado por Amaral (2003), um cronista da ordem, descreve:

[...] É o dito primeiro convento da cidade de São Luís com o frontispício para o poente, tem duas torres, uma de cada banda, as janelas dos dormitórios são para parte do mar, tem uma boa cerca povoada de muitas e várias plantas frutíferas, toda murada de pedra e cal. A igreja tem cento e sessenta palmos de comprimento e cinqüenta de largo. A capela-mor é muito formosa, o seu comprimento são sessenta palmos, a largura trinta, a tribuna é de talha coberta de tintas, ouro, e é a melhor que há na cidade. Tem uma milagrosa imagem de Nossa Mãe Santíssima do Carmo, de seis palmos; da parte do Evangelho está o nosso protopatriarca Elias, e da parte da epístola, nosso Padre Santo Eliseu. Nesta capela-mor há coro que tem duas ordens de cadeiras de pau de cedro curiosamente lavrado. Saindo da capela-mor, tem duas capelas colaterais: a parte do Evangelho é de Santa Luzia, a da parte da Epístola é de Santo Amaro. Dentro do cruzeiro há duas capelas: a da parte do Evangelho tem a milagrosa imagem de Cristo Senhor Nosso com a cruz às costas, que está recolhido em uma tribuna; a principal nobreza desta terra serve a este Senhor em uma bem governada Irmandade. A da parte da Epístola é o Santíssimo Sacramento (hoje do Senhor dos Passos). Em uma tribuna está a Senhora da Piedade, e da parte de fora dela as imagens da Senhora da Penha de França e da Guia. É a Senhora festejada nestes títulos com grande solenidade. Tem o convento sua livraria com bastantes livros, assim de Padres Expositores, Concio-

natórios, de uma outra teologia, e alguns de filosofia. Nossa Senhora do Carmo é o título deste convento [...] (AMARAL, 2003: 90).

Sabe-se que dessa primitiva descrição muito foi modificado, merecendo assim um resgate dessa história. Para tanto é importante analisar o primeiro fato social relacionado ao Carmo de grande relevância para História do Maranhão, a expulsão dos holandeses em 1643.

3.2 O Carmo e a Expulsão dos Holandeses

Segundo Marques (1970), quando a Holanda constituiu-se potência de primeira ordem, passou a conquistar grande parte das colônias que Portugal fundou na América, na África e na Ásia.

Não tardou a chegada da esquadra batava em portos maranhenses. Em 1641, os holandeses aqui desembarcaram na área do Desterro com cerca de mil homens, que primeiro agiram contra a Igreja ali erguida. Destruíram-na completamente, levando também objetos valiosos de devoção.

Assustada, a população e o governo foram se rendendo as investidas holandesas pelo Maranhão. Foram vinte e sete meses o período em que o Maranhão ficou sob domínio holandês, tempo em que documentaram a cidade com um mapa, este, mostra a Igreja e Convento do Carmo em forma de fortaleza, o qual naquela época já mostrava-se imponente entre as construções da cidade. Figura 22.

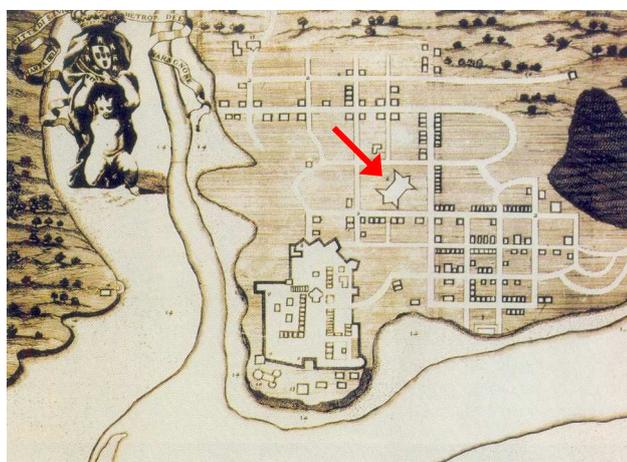


Figura 22 – Planta da cidade de São Luís de 1641, registrada pelos holandeses.

Fonte – ANANIAS, 2005.

Após dois anos de ocupação holandesa, o sofrimento da população era muito grande (MARQUES, 1970). Dessa forma, uniram-se a Muniz Barreiros e Antônio Teixeira de Melo cinquenta homens que resolveram enfrentar os invasores. Aos poucos foram ganhando frente, partindo do interior em direção a capital. O convento do Carmo que até então servia de refúgio aos moradores passou a ponto estratégico e forte de defesa e ataque da tropa portuguesa.

[...] Desprestigiados os holandeses com tantos reveses, e robustecido Muniz de Barreiros com estas glórias e com a adesão de muitos habitantes da ilha, passados um dia e uma noite, como que tocado de súbita inspiração atravessou a Ilha, e veio fortificar-se com seus companheiros no convento de Nossa Senhora do Carmo, posição eminente, que ficava a um tiro de mosquete das muralhas da cidade [...] (MARQUES, 1970: 407)

Segundo Beltrami (1994), durante a invasão holandesa, o convento abrigava mulheres e crianças que depois foram levadas a outro local mais seguro quando ali se instalaram as tropas portuguesas. Voltaram ao convento somente para consumir as sagradas espécies¹¹ ao perceberem a gravidade da situação a qual o convento estava sendo exposto.

De acordo com Moraes (1995), em combate faleceu o ex-capitão-mor do Maranhão, Antônio Muniz Barreiros Filho e Antônio Teixeira de Melo, seu sucessor no comando. Esses dois portugueses e outras figuras ilustres da sociedade foram homenageadas em lápides aplicadas nos corredores no convento. Figura 23.



Figura 23 – Lápides nas paredes do Convento do Carmo.

¹¹ Hóstias consagradas, corpo e sangue de Cristo.

Pelo fim da batalha chegaram ao Carmo reforços portugueses vindo do Pará, assim como os holandeses também receberam 1.400 homens vindos de Pernambuco. A luta novamente tomou grandes proporções e vantagem holandesa. Porém apesar de alcançarem postos avançados, encontraram no Carmo barreira insuperável, e, segundo Marques (1970), em 1643 os holandeses se retiraram do Maranhão.

Diz Beltrami (1994) que, após a derrota e expulsão da frota batava, o governador não quis restaurar os graves danos causados ao edifício pelas balas dos canhões holandeses. Já o povo reconhecendo a devida honra do Carmo, não hesitou em fazer doações para sua reconstrução e reparos.

Porém para Marques (1970), por maior que tivesse sido os esforços dos devotos, os carmelitas não conseguiram reparar os estragos e voltar ao estado original da construção.

[...] servindo o seu convento de amparo para ofender ao inimigo, pelo que muito sofreu da cruel bateria dos holandeses, que procuravam arrazá-lo, ficando em tal estado, que nunca mais o puderam melhorar pela sua muita pobreza e dos moradores. (MARQUES, 1970: 225)

Dessa forma, o Carmo Novo, em sua construção original, duraria somente de 1627, a 1643 quando foi desfigurado na batalha contra os holandeses.

3.3 Da Riqueza à Ruína

Beltrami (1994) fala de um enriquecimento dos carmelitas a partir de tamanhas doações e também por esforços próprios, com os valores arrecadados construíram um hospício nas terras chamadas de “Bonfim”¹², e outro Convento e Igreja em Alcântara.

¹² Sítio localizado na margem oposta do rio Bacanga em relação à ocupação de São Luís.

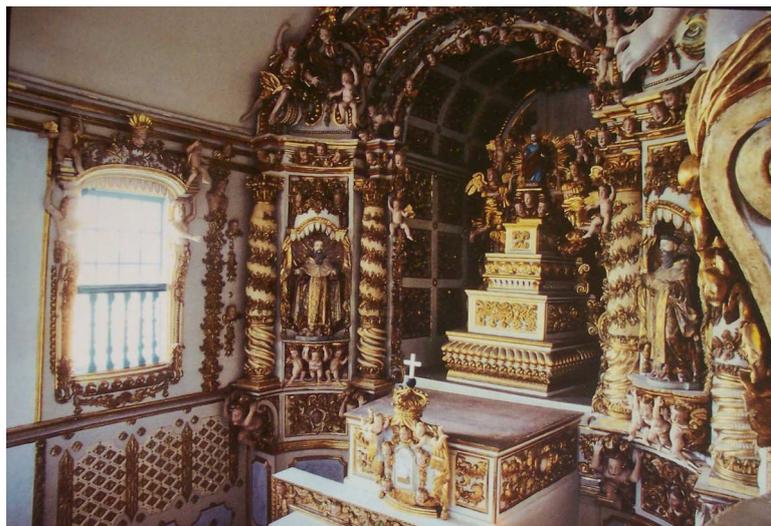


Figura 24 – Igreja do Carmo, Alcântara – MA.
Fonte – POSTAL, 2002.



Figura 25 – Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Fonte – MARANHÃO, 1908.

Os carmelitas acumularam grande quantidade de bens nesse período. Ornamentos da Igreja, biblioteca, semoventes¹³, sobretudo grandes extensões territoriais que foram administradas pela ordem. Os carmelitas iniciavam um novo momento da ordem no Maranhão. As terras da cidade de Rosário, hoje já desmembrada em municípios menores, pertenciam aos frades, chegando suas posses até perto da capital.

¹³ Assim eram chamados os escravos.

[...] Em 06/07/1797 o governador D. Rodrigo Fernando Antônio de Noronha, remete ao ministro da Fazenda um inventário: Os carmelitas possuem dois conventos – um em São Luís outro em Alcântara – um hospício no Bonfim, com 30 religiosos, 257 escravos - 7 fazendas – 24 léguas de terra e 640 cabeças de gado vacum e cavalari [...] (BELTRAMI, 1994: 26)

Junto à riqueza em terras e escravos, também houve um descuido de caráter religioso, talvez esse um dos responsáveis pelo esquecimento em restaurar por completo a Igreja do Carmo de São Luís já citado por Marques (1970), o outro pela instabilidade da cidade que poderia receber novo ataque a qualquer momento.

Segundo Amaral (2003), a riqueza carmelita se estendia a todas as áreas sociais. Mantiveram a ordem inúmeros nomes notáveis, pelo conhecimento das ciências morais e teologia. Citando-se alguns: Frei Caetano de Vilhena Ribeiro, que teve como discípulos Odorico Mendes e Sotero dos Reis; Doutor Frei Custódio Alves Serrão, nascido em Alcântara, diretor do Jardim Botânico; Doutor Frei Antônio Bernardo da Encarnação e Silva, da cidade de Viana, deputado-geral da Província dentre outros.

O Convento tornou-se local de grande respeito pela sociedade. Grandes pregadores e políticos falaram ao povo através de sua estrutura física, Frei Marcelino de Milão, Cônego Ribamar Carvalho, Astolfo Serra, José do Patrocínio, Conde D'Eu e Padre Antônio Vieira. Funcionou no prédio o quartel da Polícia Provincial, Instituto Literário Maranhense (1865), primeira sede da Biblioteca Pública (1931) e Liceu Maranhense (1938), onde ainda se lê em sua fachada a inscrição ilustrada pela Figura 26.



Figura 26 – Inscrição do Liceu na fachada do convento.
Fonte – ANANIAS, 2005.

De acordo com as pesquisas da Fundação Rondon, em 1866, quando ainda abrigava o Liceu Maranhense em seu Convento, a fachada principal da Igreja

do Carmo recebeu azulejos portugueses. Beltrami (1994) relata que essa intervenção teve caráter emergencial devido às infiltrações que agrediam o prédio. O painel de azulejos se estende por toda fachada e torres excluindo as pilastras, cimalkhas e molduras dos vãos e do frontão. Observamos o detalhe do azulejo na figura 27.



Figura 27 – Azulejos da fachada da Igreja do Carmo.

Em conseqüência da Revolução Francesa, o governo de Lisboa sofreu pressão religiosa, passando então a restringir novas admissões nas ordens religiosas, tanto no Reino quanto nas colônias. Todas as ordens religiosas sofreram com esse “cerco de ferro”¹⁴, em especial os Jesuítas, que foram violentamente expulsos da Colônia.

Neste contexto, um novo horizonte surgiu aos religiosos maranhenses. Descreve Beltrami (1994), citando um relatório ao Ministro da Fazenda em 1834, onde diz que na cidade de São Luís – MA existiam apenas três conventos: Franciscanos; Mercedários e Carmelitas, cada um já com número reduzido de frades. Em 1866 a ordem do Carmo no Maranhão estava reduzida a seis religiosos, em sua maioria já inválidos.

Com a morte do último frade carmelita em 1891, Frei Caetano de Santa Rita Serejo, a ordem se extinguiu. Todos os bens da ordem foram incorporados aos

¹⁴ Assim chamada à pressão exercida por Portugal sobre as ordens religiosas da colônia.

da União, tendo como conseqüência o completo abandono do Convento e da Igreja, antes muito freqüentada pelos fiéis e agora interditada. As terras pertencentes aos carmelitas foram anexadas aos municípios.

Caindo em abandono e chegando a ameaçar completa ruína, o Convento do Carmo já era motivo de preocupação das autoridades. Foi cedido então para acomodação da Missão Capuchinha Lombarda, chefiada por Frei Carlos de São Martinho. A missão tomou a incumbência de restaurar a devida Igreja e Convento em troca de se estabelecer neste local. Mas, esses frades não só acudiram o convento, prestes a desmoronar como transformou a velha e arruinada Igreja em um belo templo, iniciando um novo período para essa edificação.

4 AS INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS

A partir das pesquisas realizadas constatou-se a extinção da ordem carmelita e a transição dos bens desses religiosos para domínio da União. Os frades Capuchinhos Lombardos que antes se abrigavam provisoriamente na pequena Igreja de São João passam a ocupar o convento. Com a condição de executar os devidos reparos no prédio. Isso aconteceu no ano de 1894 nos diz Beltrami (1994).

Frei Carlos de São Martinho era nestes tempos o superior dessa missão no Maranhão, e tão logo recebeu o prédio para estabelecer a ordem iniciou as primeiras obras no Carmo.

Acrescenta-se que nestes tempos, não havia tombamentos de patrimônio, restauradores e outras atribuições no sentido de preservação arquitetônica. A missão capuchinha, formada inicialmente por nove homens, a partir de então se transformaria na “missão de reconstruir a Igreja”¹⁵ do Carmo.

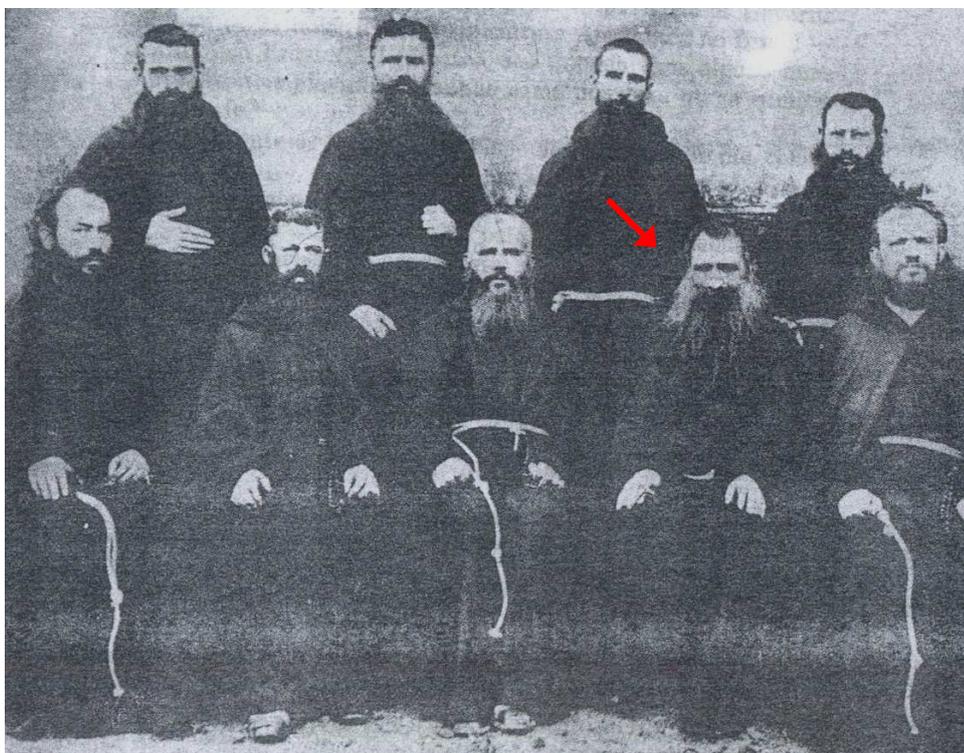


Figura 28 – Frei Carlos de seus companheiros.
Fonte – BELTRAMI, 1994.

4.1 A Missão de Reconstruir a Igreja

¹⁵ Lema da origem da ordem franciscana.

Mesmo não sendo os depositários deste bem por vários anos, e sim o Governo, os capuchinhos cumpriram sua parte do contrato dando novas vistas a edificação que em primeiro de janeiro de 1895 foi reaberta aos fiéis.

Segundo um dos primeiros relatórios anuais redigidos por Frei Carlos de São Martinho entre anos de 1896 e 1897 a Igreja precisava de uma caiação, precisava renovar o forro, renovar o telhado do corpo e do coro da Igreja, renovar os confessionários e melhorar a iluminação na capela de São Francisco. Neste mesmo relatório, cita-se ainda a Capela de Santa Teresa e seu estado de conservação deplorável, oferecendo os cuidados da ordem também para sua restauração.

Segundo Beltrami (1994), a Igreja recebeu um novo coro superior em 1898 e, entre os anos de 1899 e 1900, as celebrações foram transferidas provisoriamente para a Catedral, enquanto ocorreriam alguns reparos emergenciais na nave da Igreja. Pela análise da bibliografia, supõe-se que teriam sido executados neste período uma caiação e retelhamento.

Reaberto o Carmo para celebrações eucarísticas, destaca-se a satisfação da população às investidas franciscanas de recuperação da Igreja. A figura de 1902, extraídas da *Revista do Norte*, documenta o fim da missa nas festividades de Santa Filomena na Igreja do Carmo. “Pertencem à memória da Igreja do Carmo as festas de Santa Filomena, que eram das maiores da cidade.” (MORAES, 1995: 67)

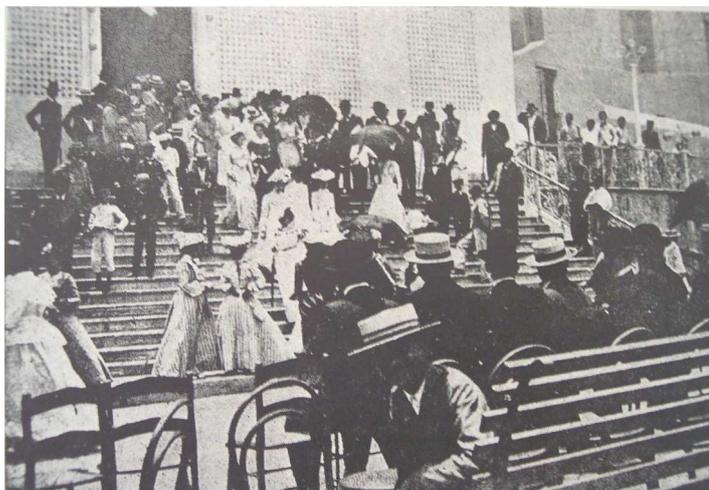


Figura 29 – Festa de Santa Filomena depois da missa.
Fonte – REVISTA DO NORTE, 1902.

Nota-se na Figura 29 a proporção da antiga escadaria frontal do Carmo, quase abrangendo toda fachada da Igreja que em último plano reflete os azulejos ainda conservados.

A próxima intervenção no templo aconteceu somente em 1910. Quando substituíram o antigo retábulo¹⁶ por um altar monumental em mármore. Sua arte foi esboçada pelo engenheiro Viveiros de Castro e construído por uma firma genovesa.

O projeto precisou ainda ser modificado e reduzido às proporções necessárias da Igreja pelos técnicos da firma, chegando ao Maranhão quase em perfeito estado.

As Figuras 30 e 31 ilustram o antigo retábulo e depois do altar em mármore montado.

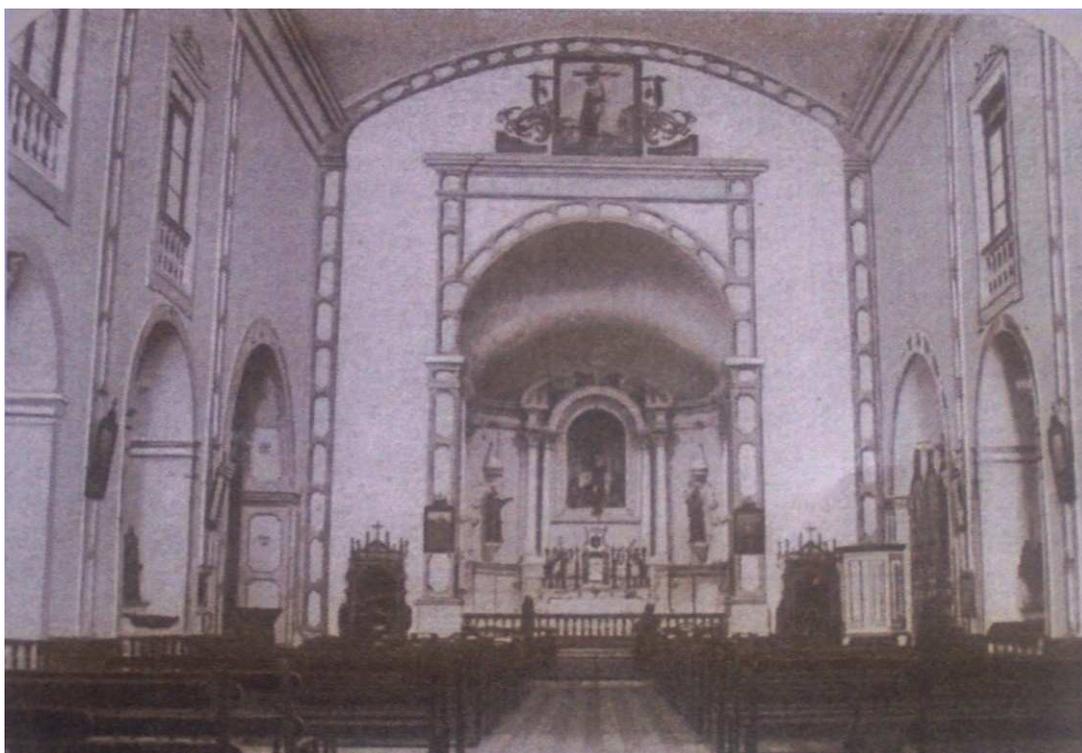


Figura 30 – Antigo Retábulo e Nave da Igreja do Carmo.
Fonte – ARQUIVO DO CARMO, 1901.

¹⁶ Nicho posterior do altar-mor onde se coloca a imagem do padroeiro, da Mãe de Jesus e o Santíssimo, geralmente adornado com motivos florais, angelicais, pilares contorcidos no século XVII.



Figura 31 – Novo Altar de Mármore, 1911.
Fonte – ARQUIVO DO CARMO, 1911.

Conforme observamos nas figuras 30 e 31, o novo altar em mármore trouxe consigo um novo guarda-corpo para o altar-mor com pilastras e balaustres em mármore e cancela central de correr em ferro fundido. Vejamos o guarda-corpo com mais detalhes através na figura 32.



Figura 32 – Novo Altar e detalhes dos vãos de iluminação
Fonte – ARQUIVOS DO CARMO, 1911.

Além da troca dos altares e guarda-corpo, o coro também recebeu nova iluminação provida de dois vãos superiores e quatro posteriores. Apresenta arquitetura de notável funcionalidade executada pelos frades franciscanos com a devida permissão do vizinho dos fundos, cujo terreno pertencia à D. Maria Clara Nina de Almeida e o seu acesso era pela Rua Afonso Pena.

Além das alterações no coro observam-se alguns detalhes da antiga nave do Carmo. O motivo usado na decoração das pilastras e arcadas é simples e remete ao século XVII, o piso em tacos de madeira é distribuído em dois tons no sentido longitudinal da nave, o forro, tanto da nave quanto do coro, é de madeira em forma de arco, a existência de balaustres em madeira nos altares laterais, em ferro no primeiro altar lateral a esquerda do altar-mor e uma grade em ferro no acesso à Capela dos Passos, conforme ilustra Figura 31.

Os relatos já descritos até o ano de 1911 nesta pesquisa descrevem somente as obras idealizadas pelos capuchinhos na Igreja do Carmo, coro e nave, documentados na obra de Beltrami (1994).

Neste mesmo ano de 1911, o Convento e Igreja do Carmo são “vendidos” à Missão franciscana, aqui reconhecida como Sociedade Ítalo-Brasileira, pela quantia de 16:500\$0000 réis.

As Figuras 33 e 34 mostram um croqui da Igreja e Convento do Carmo desenhado pelo Frei Matias de Ponteramica anexado a um relatório para o provincial de Milão em 1917. Este documento será utilizado nesta pesquisa como objeto de análise histórico-arquitetônico.

A Figura 33 exibe uma planta baixa com situação enquanto a Figura 34 detalha a fachada frontal com leve perspectiva da lateral norte do convento.

Através deste levantamento, pode-se reconhecer os elementos arquitetônicos que compunham a Igreja e Convento do Carmo no início do século XX. Para melhor compreender este documento, observa-se a legenda com tradução das discriminações originalmente em italiano:

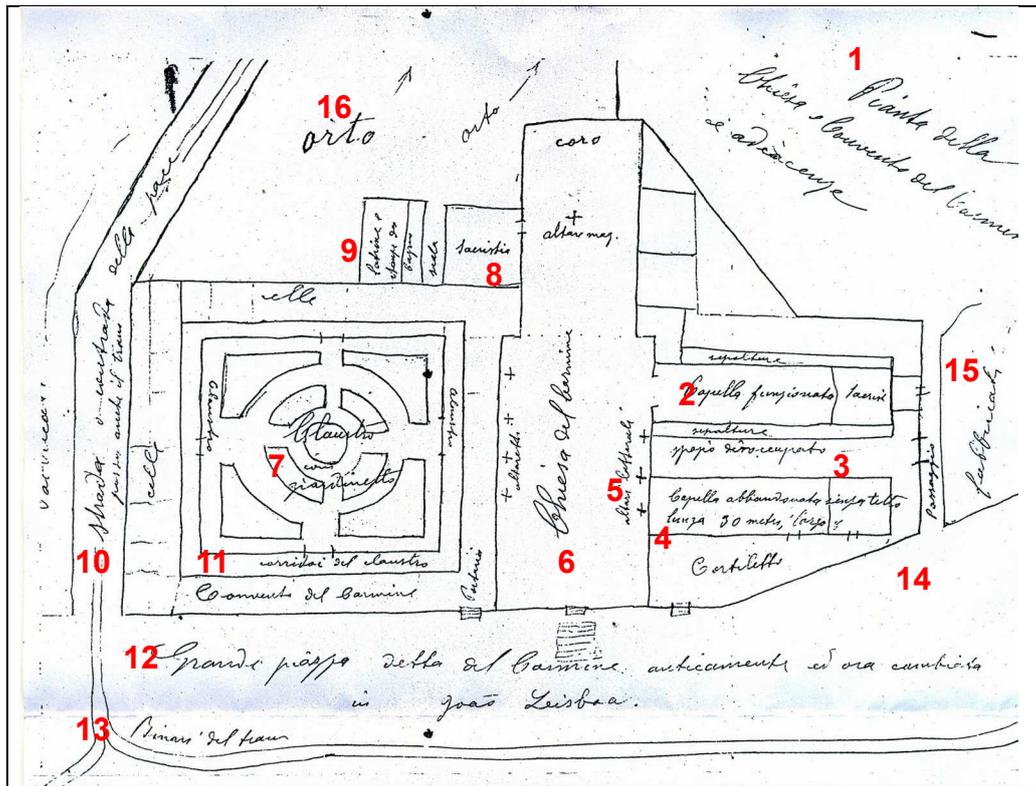


Figura 33 – Levantamento do pavimento térreo do Carmo, 1917.
 Fonte – ARQUIVOS DO CARMO, 1917.

Legenda:

- 1 – Largo da Igreja e Convento do Carmo e adjacências
- 2 – Capela abandonada / sacristia / sepulturas
- 3 – Espaço desocupado
- 4 – Capela abandonada sem teto com 30 metros de largura
- 5 – Altares laterais
- 6 – Igreja do Carmo
- 7 – Claustro com canteiros
- 8 – Sacristia
- 9 – Sanitários e banheiros
- 10 – Estrada e Beco da Paz passa também o bonde
- 11 – Corredor do claustro / Convento do Carmo
- 12 – Grande largo do Carmo antigamente não era chamada João Lisboa
- 13 – Terminal do Bonde
- 14 – Passagem
- 15 – Prédios
- 16 – Orta

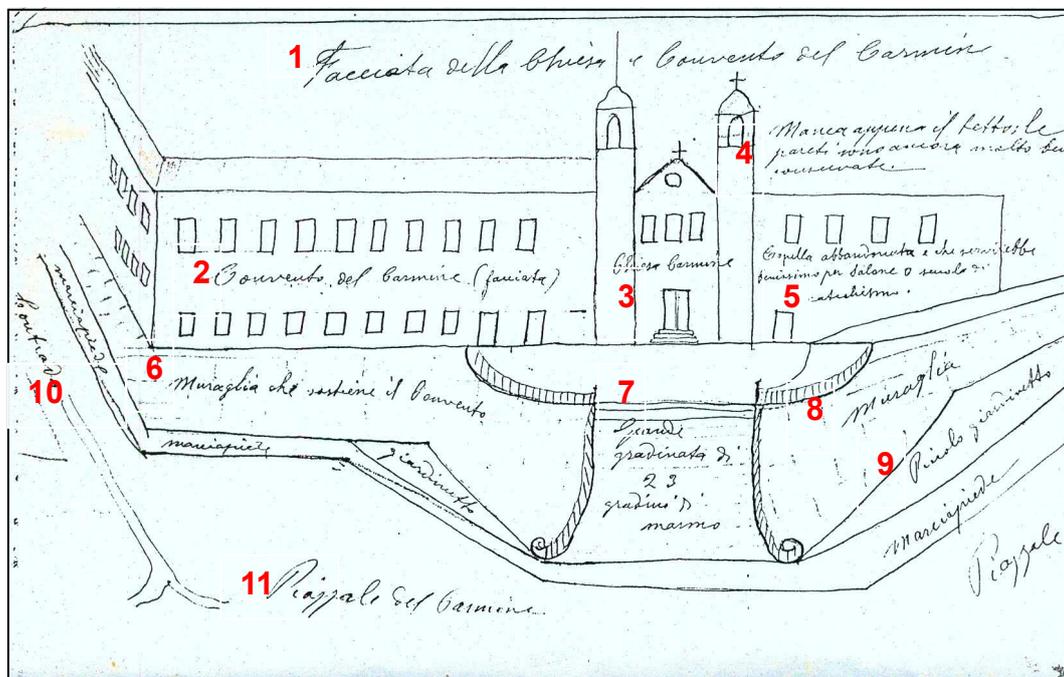


Figura 34 – Levantamento das fachada do Carmo, 1917
 Fonte – ARQUIVOS DA IGREJA DO CARMO, 1917

Legenda:

- 1 – Fachada da Igreja e Convento do Carmo
- 2 – Convento do Carmo (Fachada)
- 3 – Igreja do Carmo
- 4 – Falta apenas o telhado as paredes estão conservadas
- 5 – Capela abandonada onde poderia muito bem ser salão ou salas de catecismo
- 6 – Muro de Arrimo do convento
- 7 – Grande escada com 23 degraus em mármore
- 8 – Arrimo
- 9 – Pequeno Canteiro
- 10 – Beco
- 11 – Largo do Carmo

Somente em 1930, um outro relatório da ordem descreve as ações antes objetivadas e agora concluídas como: o retelhamento completo do telhado, piso totalmente refeito, rebocadas as paredes com estuque, removido o antigo coro deteriorado pelo cupim e agora substituído por outro mais simples, destruídos alguns

altares laterais, substituídas as velhas estátuas de santos por novas conforme a escultura sacra, removido os balaustres enferrujados e cancelas e substituído o retábulo por altar monumental em mármore.

Vale destacar dentre as obras citadas neste relatório, a troca do piso antes em madeira, como observado nas Figura 30 e 31, por ladrilho hidráulico em toda edificação. Ao todo somam dez modelos de ladrilho, aplicados de acordo com o uso de cada espaço.

Segundo Frias (2005), todas as peças foram devidamente catalogadas. Limitamos a citar apenas quatro modelos e uma peça, em particular, aplicada no patamar de acesso a Igreja, com o tardo¹⁷ para cima, mostrando o carimbo da fábrica francesa “*Paray Le Monial. Saone & Loire*”. Alguns modelos foram fabricados pelos próprios capuchinhos, como nos relatou Frei Rogério Beltrami em entrevista, relatando que produziam também para venda externa com o objetivo de somar verbas para manutenção do convento.



Figura 35 – Igreja Nossa Senhora do Carmo. Detalhe do piso parte externa P.P.P.8 e P.P.P.6, 2006.

Fonte – FRIAS, 1995.

¹⁷ Parte inversa do ladrilho hidráulico que estampa o carimbo da fábrica.



Figura 36 – Detalhe do piso P.P.P.9, P.P.P.10 e P.C.P.P.7.
Fonte – FRIAS, 1995.



Figura 37 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo, 2002. Tardoz do ladrilho
Hidráulico "Paray Le Monial. Saone & Luire".
Fonte: FRIAS, 1995.



Figura 38 – Ladrilho Hidráulico fabricado pelos Capuchinhos.

Após

período de trinta anos, em 1963, a Igreja do Carmo sofreu novas e consideráveis intervenções arquitetônicas sob administração de Frei Cosme de Borno. Aqui Beltrami (1994) expõe uma preocupação por parte da Prefeitura Municipal quanto às modificações a qual os frades capuchinhos arquitetavam. Essa preocupação estava baseada no fato de o Largo do Carmo por esse tempo ter sido tombado patrimônio histórico.

Porém, em nada puderam intervir, e a Igreja, ainda a mercê dos gostos arquitetônicos da ordem ali estabelecida, iniciou sua reforma sendo completamente transfigurada sua arte original. Consideramos que por tantas restaurações e modificações necessitariam os capuchinhos de assistência técnica e artística. Porém esperando por capitais suficientes, jamais teriam preservado tanto. Como cita Beltrami (1994: 79), “É inútil querer diminuir os merecimentos dos esforçados missionários [...] substituindo madeira carcomida por mármore”.

Para esta reforma de 1963, dois velhos problemas precisavam ser resolvidos, o forro em madeira atacado pelos cupins e as infiltrações nas paredes,

que insistiam em aparecer, aumentada pelo fato de existir corpos tumulados nas mesmas.

A solução encontrada pelos capuchinhos mais uma vez era positiva. No entanto, os meios de arrecadar recursos foram completamente descabidos. Seriam aplicadas placas de gesso no forro, acompanhando o mesmo movimento em arco do forro anterior ali existente e revestido as paredes com placas de concreto até a altura de dois metros, dali ao forro, completariam em placas de gesso.

Os recursos financeiros, porém seriam adquiridos pela venda de objetos sacros “inutilizados”. “É um empreendimento vultoso [...] que será ajudado pela venda do material de castiçais e mais outros objetos que se encontram encostados na sacristia”. (BELTRAMI apud, CRONISTA DESCONHECIDO, 1994: 150).



Figura 39 – Antiga pia da sacristia da Igreja do Carmo, que se encontra atualmente no museu sacro.

Fonte: BELTRAMI, 1994.

Ainda necessitados de recursos, iniciou-se a campanha das placas em março de 1970 e, com a colaboração dos fiéis, terminaram as obras em julho do mesmo ano. Neste mesmo período, a antiga Capela dos Passos¹⁸, foi transformada em altar da Paixão de Cristo e cemitério da missão capuchinha.

A Igreja também sofreu acréscimo lateral, criando dois novos confessionários e dando maior profundidade aos nichos das atuais capelas de São Francisco e do Sagrado Coração de Jesus. Para isso, adentraram no convento demolindo a antiga escada de acesso ao pavimento superior e parte do quarto reservado ao porteiro.

Percebe-se então uma significativa alteração que não só afetou a Igreja como também o convento, que perdeu parte do seu corredor sul. Entretanto, outras significativas alterações foram realizadas no convento.

4.2 As Alterações no Convento do Carmo

Foi no tradicional Largo do Carmo que a população de São Luís presenciou as primeiras manifestações de desenvolvimento cultural e urbano. Neste logradouro funcionou a primeira feira da cidade, o pelourinho¹⁹, os primeiros e mais importantes jornais do Maranhão, entre outros.

Em 1901, a Prefeitura Municipal contemplava esse largo com novo nome, passava-se então a chamar-se Praça João Lisboa pela Resolução n. 14, de 28 de Julho, em homenagem ao jornalista que ali residia e trabalhava. Também presenteava a nova praça com um projeto urbanístico que a Revista do Norte (1903) descreve dois anos mais tarde sem poupar elogios.

De acordo com a publicação italiana de DA BRESCIA (1903), pode-se identificar algumas características da escadaria do Carmo através da foto possivelmente tirada durante as obras de terraplanagem do Largo.

¹⁸ Desmoronou em 1943.

¹⁹ Hoje com uma cópia do original na Cafua das Mercês, tinha o tronco retorcido e um globo em sua extremidade.



Figura 40 – Igreja do Carmo.
Fonte – DA BRESCIA, 1903.

Uma outra foto atribuída a Gaudêncio Cunha, do Largo do Carmo publicada no Álbum do Maranhão em 1908 mostra a escadaria de acesso à Igreja fronteira e o Largo arborizado. Presume-se então, que a primitiva escadaria fosse lateral, conforme Figura 40, ou o Largo teria sido fotografado por Gaudêncio Cunha antes do ano da publicação da foto, ou melhor, mais precisamente entre os anos 1901 e 1902, antes das obras de urbanismo, o que parece mais provável visto que a escadaria atualmente encontra-se lateralmente.



Figura 41 – Igreja do Carmo, 1908.
Fonte – ARQUIVOS DO CARMO, s.d.

Uma outra intervenção no conjunto arquitetônico do Carmo estava prevista neste projeto urbanístico, o alargamento da Rua da Paz, onde passaria um bonde, e para isso, parte do convento seria demolido. Visto o empenho dos franciscanos em reconstruir a Igreja a partir de sua ocupação em 1894, o projeto de demolição do convento só foi concretizado em 1901.

Identificou-se nos arquivos da ordem, um novo levantamento arquitetônico dessa edificação elaborado pelo engenheiro Luís Silva em 1931. As Figuras 42, 43, 44, 45 e 46 mostram a original funcionalidade e disposição dos cômodos em plantas baixa e cortes.

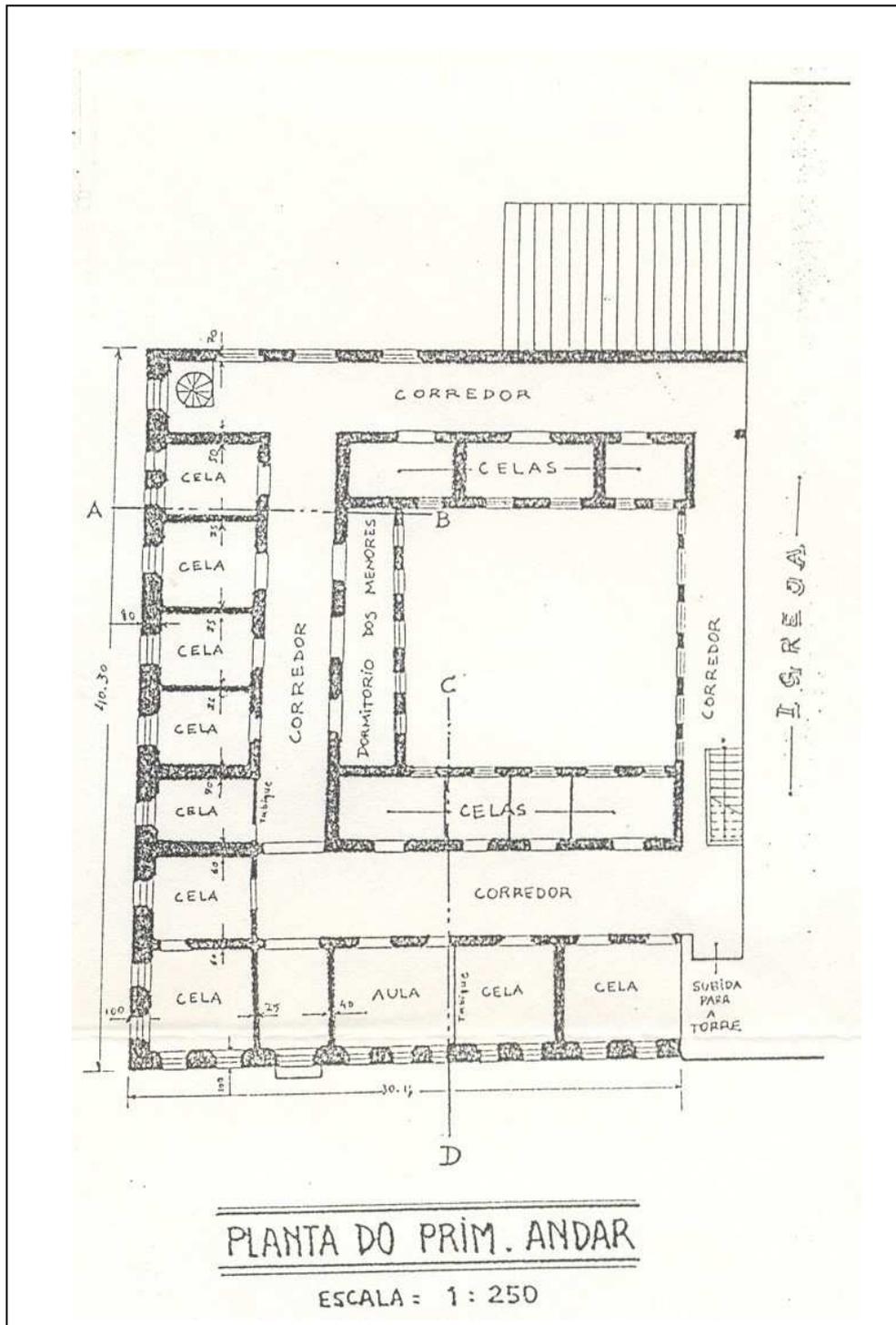


Figura 43 – Planta baixa do pavimento superior do Convento, 1931.
Fonte – ARQUIVOS DA ORDEM DO CARMO, 1931.

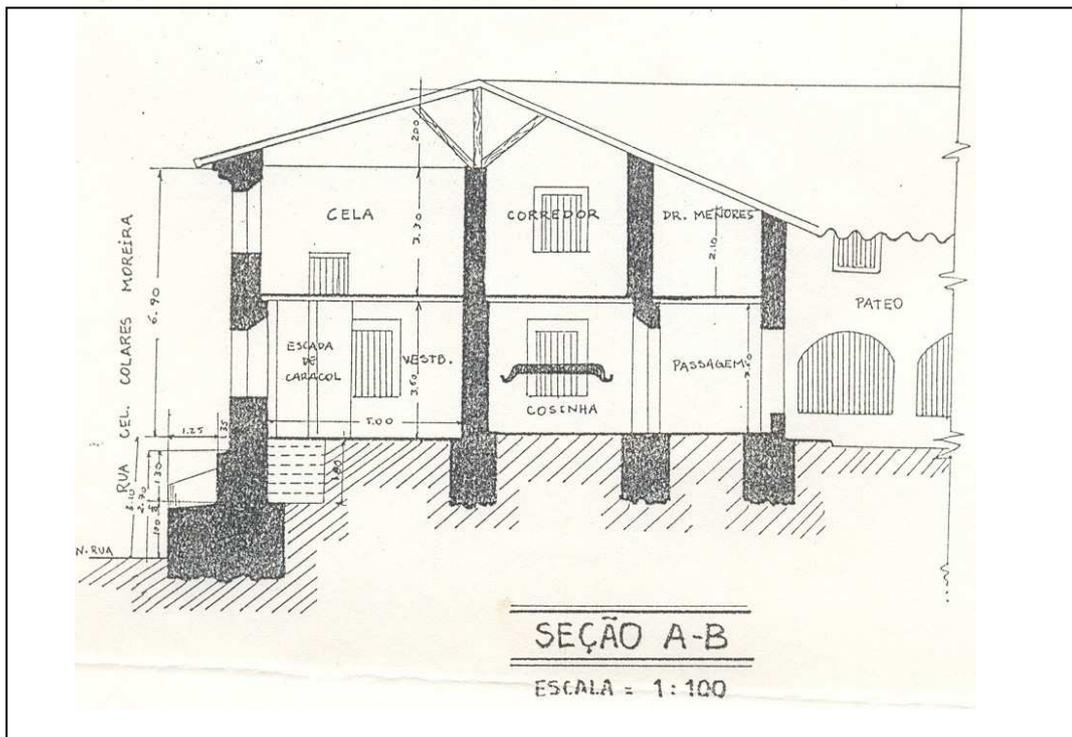


Figura 44 – Corte AB do Convento, 1931
Fonte – ARQUIVOS DA ORDEM DO CARMO, 1931

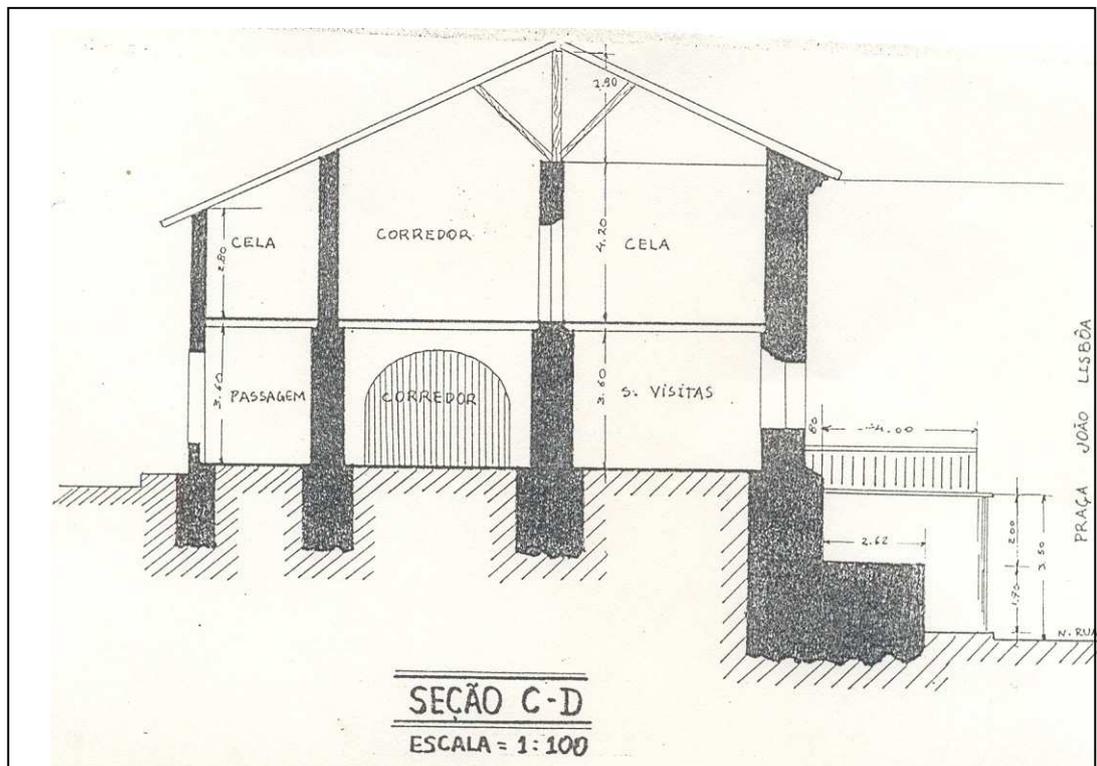


Figura 45– Corte CD do Convento, 1931
Fonte – ARQUIVOS DA ORDEM DO CARMO, 1931

Através destes desenhos, observa-se o primitivo convento, antes indefinido no croqui de 1917 (Figuras 33 e 34), que por sua vez, melhor representa o desenho do claustro. Existe aí, uma complementação de dados significativos exibidos pelas plantas do engenheiro Luís Silva. Porém seu objetivo em nada se remetia a preservação do patrimônio, e sim a antiga proposta de alargamento da Rua Colares Moreira²⁰ pela demolição do convento. Figura 46.



Figura 46 – Título da Planta do Carmo desenhada pelo engenheiro Luís Silva.
Fonte – ARQUIVOS DA ORDEM DO CARMO, 1931.

Beltrami (1994) conta que em 1931, os Capuchinhos em suas necessidades financeiras recorreram a ajuda municipal que ofereceu seus dotes em troca da execução do antigo projeto urbanístico que determinava demolição de parte do convento, onde desapareceriam três janelas, sapatas e calçadão. Observa-se pelas Figuras 42 e 44 que também existiam um acesso lateral ao convento dentro dos planos de demolição.

Em três de dezembro de 1931 iniciaram então a intervenção no convento, sob autorização do Frei Estevão de Sexto, provincial dos Capuchos, e Dr. Dermerval de Vasconcelos Rosa, prefeito em mandato de São Luís. Conforme Anexo 1. A observação não esquecida por Beltrami (1994: 143) é que “por motivos de urbanismo, a primeira que agrediu a integridade do Velho Carmo foi à própria prefeitura”.

Trinta anos depois, em 1961, o Convento recebe um anexo, situado atrás do coro da Igreja com afastamento considerável da Rua da Paz. Os motivos são em especial três: a poluição sonora já produzida pelo trânsito de carros e bondes, o crescimento da ordem no Maranhão e reestruturação dos espaços perdidos com a demolição de 1931. A obra teve duração de cinco anos.

²⁰ Antigo beco lateral ao convento onde desembocava a Rua da Paz antes de chegar à Praça João Lisboa.



Figura 47 – Parte nova do Convento do Carmo.

Mas, não somente construíram um anexo como também reconstruíram toda ala leste para reforçar a estrutura abalada com demolição de 1931, acrescentando-lhe um pavimento. Podemos observar a descaracterização da tipologia através da imagem a seguir, onde a ala leste interliga seus corredores aos três pavimentos ao novo anexo.



Figura 48 – Ala leste do Convento fora da tipologia original

Neste mesmo período outros anexos foram incorporados ao conjunto arquitetônico do Carmo, para fins de atendimento social à população do Maranhão.

4.3 A Capela de Santa Teresa e outros anexos

Pertenciam a Igreja do Carmo duas capelas. A capela de Santa Teresa com acesso externo pelo patamar da escadaria e a Capela do Bom Jesus dos Passos. Ambas paralelas uma a outra na lateral oposta ao convento. Figura 33.

Quando a missão dos capuchinhos Lombardos adquiriu autorização para amparar o Convento e Igreja no fim do século XIX, essas capelas apesar de pertencerem a Irmandade do Bom Jesus dos Passos também estavam abandonadas e em pior estado que o conjunto adquirido pelos franciscanos.

As autoridades eclesiásticas, a população e também a Irmandade dos Passos, observando o empenho da missão capuchinha em restaurar as estruturas a eles confiadas iniciou processo de doação das capelas para os vizinhos benfeitores. Isso era o ano de 1900, no entanto o processo de doação só teve fim em 1923.

Enquanto esperava a doação, a capela foi cedida a União Operária Maranhense, que em contrapartida atribuía a responsabilidade de preservar este prédio “ao menos de pé”. Os serviços prestados pela União não foram satisfatórios por parte de todos, recebendo então legalmente a missão capuchinha o prédio, iniciaram suas obras.

[...] O dia depois que a Prefeitura terminou os trabalhos de demolição e reconstrução do convento do lado da Rua da Paz (isto é, 16/06/1932), principiou-se o restauro da Capela de Santa Teresa, por conta da nossa missão [...] (BELTRAMI, 1994: 131).

Nos documentos da Igreja do Carmo citados por Beltrami (1994) consta ainda a presença de uma outra capela pertencente à Irmandade anexa a igreja, a Capela do Bom Jesus dos Passos. Após ceder a primeira capela aos capuchinhos a Irmandade cogitava ceder a outra, o que não aconteceu, quando em março de 1943,

a Capela dos Passos desabou. Hoje, o que resta de sua estrutura original é uma parte da parede abandonada que mostra um dos nichos laterais.

Sobre a antiga Capela dos Passos e aproveitando um recuo lateral sul com acesso pela praça João Lisboa, foi edificada pela missão, o Centro Pio XII em janeiro de 1947. Ali funcionou inicialmente A Casa do Pequeno Jornaleiro²¹.

[...] Fundado a 16 de março de 1947, por Fr. Policarpo de Mutama visava assistência sócio-religiosa de gazeteiros e engraxates e de suas famílias, estendendo a sua ação após a carroceiros e carregadores e viúvas e esposas pobres abandonadas [...] (BELTRAMI apud CONDURU, 1994: 195)



Figura 49 – Fachada da Capela de S. Teresa e Centro Pio XII
Fonte – ARQUIVOS DA ORDEM DO CARMO, s.d.

Em virtude dos problemas com a formação dos jovens lá estabelecidos, a Casa do Pequeno Jornaleiro foi extinta passando a funcionar ali a Escola de Santo Antônio em 1961. Em 1963 o prédio foi cedido ao Movimento Familiar Cristão e em 1972 recebeu consertos em toda a edificação, inclusive a Capela de Santa Teresa que foi transformada em salão para reuniões e biblioteca da ordem secular.

Muito a Igreja contribuiu e é cada vez maior sua ação social à população ludovicense. Hoje observamos que essa edificação reflete um passado que foi semeado pelos missionários, na tentativa de preservar a originalidade da sua função, a espiritualidade e solidariedade.

²¹ Diaristas, meninos que exerciam jornada de trabalho.

5 A IGREJA ATUAL

Em virtude do crescimento populacional (visitantes e fiéis), e localização privilegiada, a Igreja do Carmo tornou-se referência em relação aos outros edifícios religiosos da cidade, refletindo notável mérito arquitetônico, histórico e artístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 1974 e em 1997 o conjunto arquitetônico do Carmo foi contemplado na área de tombamento do Patrimônio Mundial da Humanidade e incluído no roteiro turístico de São Luís.

Não se tem dúvida que a Igreja e o Convento do Carmo são de grande importância para o Maranhão. Mas se pôde constatar ao longo da pesquisa que essa edificação foi tratada com muito descaso pelas autoridades governamentais, cabendo aos Frades Missionários Capuchinhos o mérito pela preservação do patrimônio atual. As Figuras 50, 51, 52, 53 e 54 contemplam o que hoje constitui o acervo arquitetônico do Carmo.



Figura 50 – Fachada atual da Igreja e Convento do Carmo, 2007.

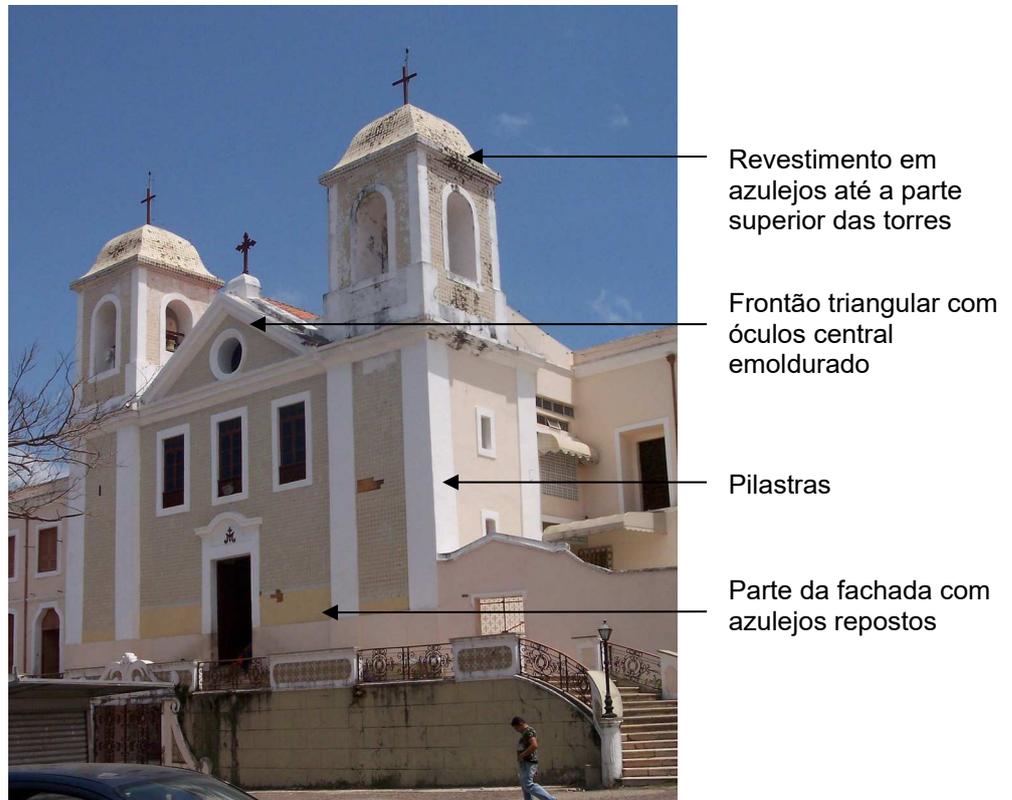


Figura 51 – Detalhes da Fachada da Igreja

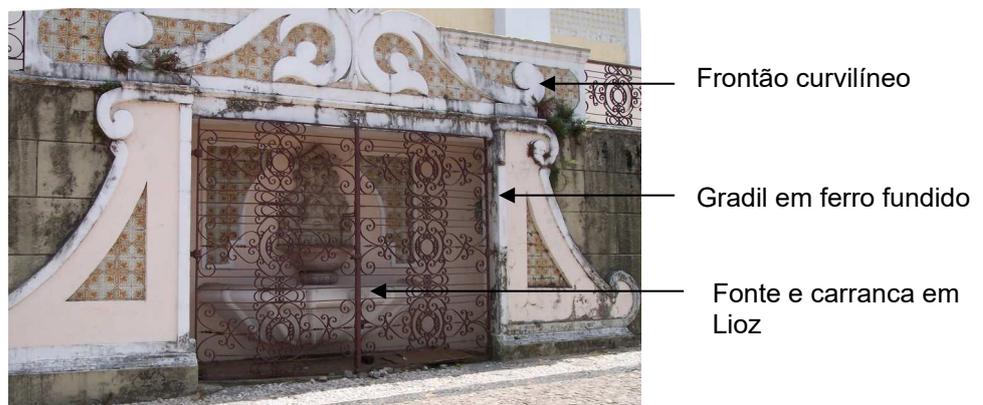


Figura 52 – Pequena fonte no arrimo do adro da igreja



Figura 53 – Detalhe da escadaria curvilínea e guarda-corpo



Figura 54 – Fachada da Policlínica e N. Senhora do Carmo.

Esta é a atual situação externa da Igreja do Carmo quando observada pela Praça João Lisboa. Vê-se o interior do Carmo, tranqüilo e acolhedor, escondido pela fachada imponente nas Figuras 50, 51, 52, 53 e 54 que ilustram o grau de alteração arquitetônica interna pelo qual passou esta edificação.



Figura 55 – Vista central do interior da Igreja do Carmo

Em 2002, os padres capuchinhos encontraram algumas peças removíveis do concreto do canto inferior esquerdo da nave, os quais revelaram o antigo adorno das pilastras interiores. Figura 56.

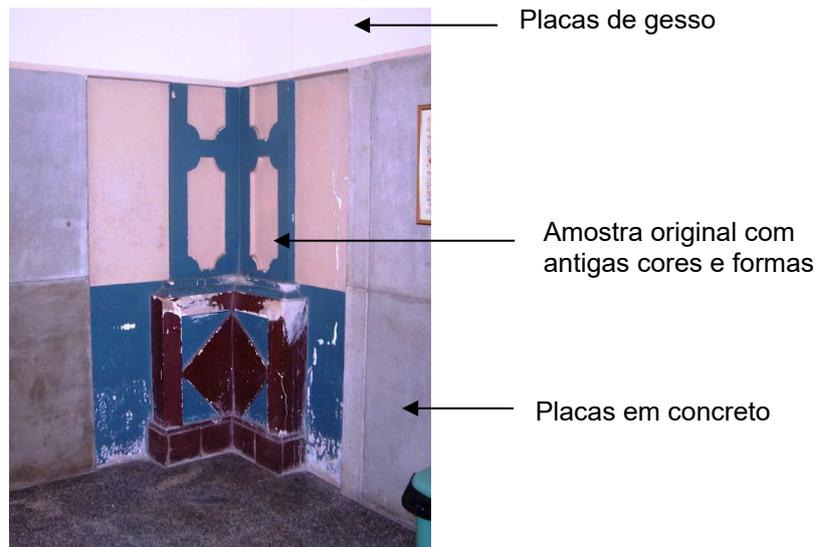


Figura 56 – Amostra do revestimento original da Igreja

Os altares laterais são seis, todos em mármore com arte semelhante ao altar-mor. Três com maior profundidade, ganhada com o alargamento da nave, dois

com arquitetura original e um levantado sobre antigo acesso a Capela dos Passos. Alguns ilustrados nas Figuras 57, 58, 59 e 60.



Figura 57 – Altar lateral de Santo Antônio



Figura 58 – Altar lateral de São Francisco



Figura 59 – Altar lateral do Sagrado Coração de Jesus.



Figura 60 – Altar lateral da Paixão de Cristo, antigo acesso à Capela dos Passos.

O altar-mor modificado em 1911 permanece perfeito, assim como o guarda-corpo e gradil central. Os trabalhos em gesso de 1963 também ainda estão em perfeito estado de conservação. Figuras 61 e 62.

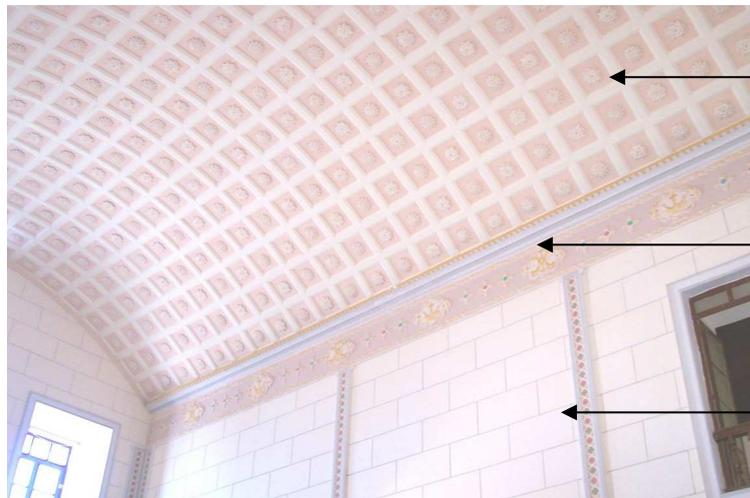


Forro em gesso
rebaixado

Altar em mármore
com imagem de
N.S. do Carmo

Guarda-corpo em
mármore e grade
central de correr
em ferro fundido

Figura 61 – Altar-mor da Igreja do Carmo.



Forro em arco
com dois tipos de
rosas
emolduradas em
quadrículas

Faixa lateral com
símbolos Mariano
e ordem
franciscana

Pilastras internas
com filete
decorado em
flores

Figura 62 – Detalhe do forro da nave.

Os ladrilhos da nave e altar-mor da Igreja foram substituídos por granito cinza andorinha, mas os frades tiveram o cuidado de conservar o ladrilho na área de menor trânsito, sob os bancos. Figura 63.

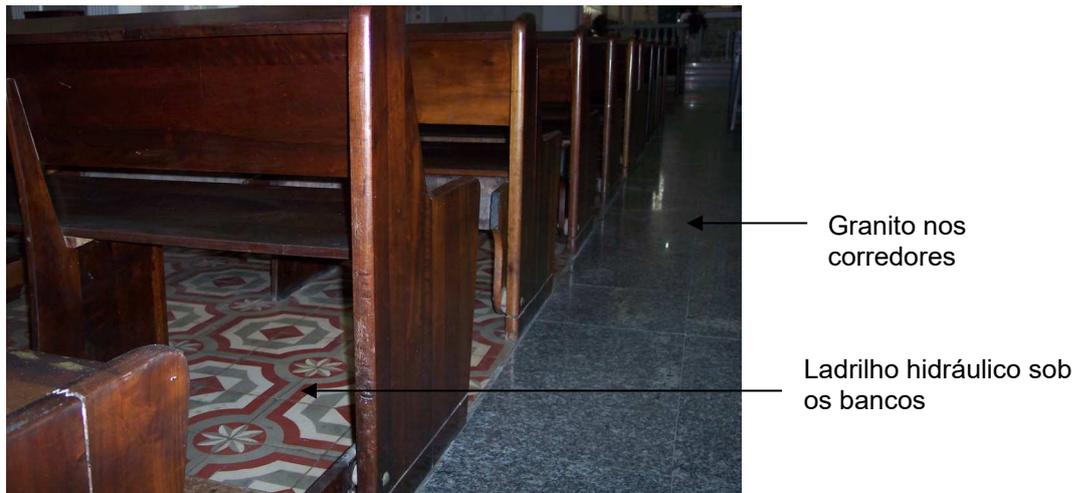


Figura 63 – Ladrilho hidráulico e granito no piso da nave.

A Figura 64 e 65 ilustram seu atual claustro e seu novo anexo, respectivamente.

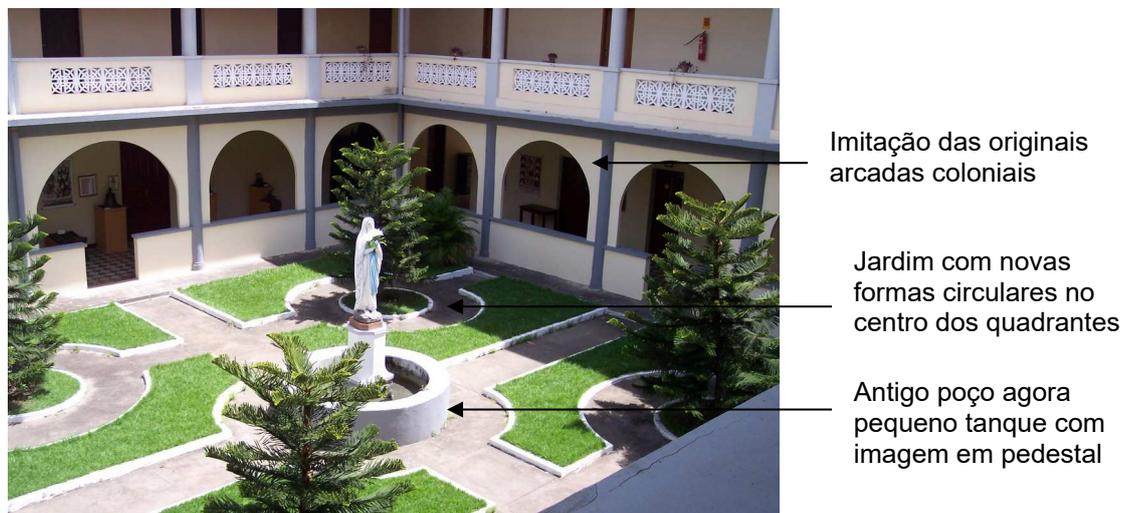


Figura 64 – Claustro do Convento.



Figura 65 – Corredor da parte nova do Convento.

Descrita pela Fundação Projeto Rondon (1979) como “edifício de notável mérito arquitetônico” na categoria arquitetura religiosa, assistiu em 1997, ao tombamento pelo IPHAN. Apenas um reconhecimento formal ao importante passado do edifício fundado pelos Padres Carmelitas em 1627.

A história da cidade e as alterações arquitetônicas no Carmo por vezes se confundem assim como os serviços de ordem espiritual e social oferecidos à sociedade. A ordem franciscana conseguiu ao longo do século XX transformar o Carmo no maior instrumento religioso do centro da cidade.

As obras sociais atualmente oferecidas pelo Carmo são três: a Policlínica Nossa Senhora do Carmo, que funciona onde antes existia a Capela de Santa Teresa, com atendimentos nas áreas de odontologia, pediatria, geriatria e psicologia onde os profissionais ganham uma porcentagem de 35% do valor simbólico pago pelos serviços, a Casa do Pão de Santo Antônio, funcionando em um anexo inicialmente chamado “Casa do Pequeno Jornaleiro”, que diariamente atende a cento e vinte pessoas entre idosos e portadores de necessidades especiais, oferecendo-lhes uma refeição diária.

Destacam-se também os Lares de Santo Antônio e São Tiago, o primeiro situado na Rua Jacinto Maia, nº 259 e o segundo na Rua Afonso Pena, nº 349, para moças do interior, de famílias pobres, e que se dirigem à capital maranhense para estudar.

A mais recente ação da ordem em favor da sociedade e pesquisadores foi à exposição das suas oitocentas peças de arte sacra em um museu no convento que ocupa toda ala térrea da fachada principal e dois dos quatro corredores térreos do claustro.

Dentre as exposições encontram-se imagens, ícones, vestes, insígnias²² religiosos, sinos, badalos, e outros. Um grande passo para a cultura e história religiosa maranhense.

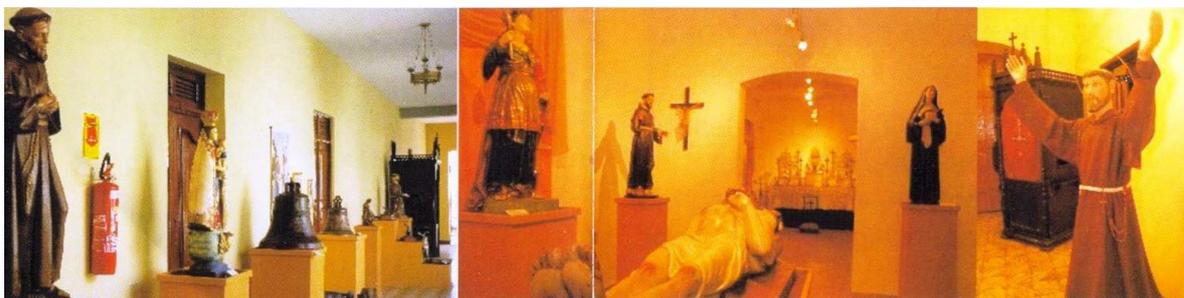


Figura 66 – Museu da Igreja do Carmo.
Fonte – ARQUIVOS DO CARMO, 2000.

O museu e outros reparos significativos tanto na estrutura física como na religiosa vêm ocorrendo na administração atual por Frei Paulo Sérgio, guardião da Igreja e convento, que ainda enfrenta outros problemas como o espaço da biblioteca, que não deveria permanecer no pavimento superior, pois não comporta mais exemplares como nos relata Frei Rogério Beltrami (2007).



Figura 67 – Biblioteca do Carmo.

²² Fragélios, silícios, e outras peças utilizadas pelos religiosos para exercícios de mortificação da carne.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim a atual Igreja esbanja vigor religioso e adaptação às mudanças culturais e sociais, o que a faz um velho prédio vivo, repleto de antigas histórias e jovens frequentadores.

É mantendo esse ciclo de informações que o Carmo adentrou o século XXI, não com a aparência cansada, como vários bens maranhenses tombados, mas revigorado pelas forças dos frades capuchinhos, fiéis, enfermos, excluídos e mulheres que buscam um futuro melhor. Mais que o coração do centro da cidade, como descreve Silva Filho (1998), o coração do próprio Cristo.

Por fim, é válido ressaltar que, esta pesquisa não teve a pretensão de construir um campo conceitual definitivo e acabado acerca de seu objeto de estudo e sim, contribuir com a construção de um resgate histórico e arquitetônico que sirva como fundamentação teórica para um aprofundamento do tema ou base para outras pesquisas nos campos da História, da Arquitetura e da Religião.

Como todo resgate histórico, a pesquisa realizada é contingente, revelando o objeto em um dado momento histórico e espacial, definido hoje como tempo presente, mas amanhã como passado histórico a ser re-elucidado. Assim, em outros estudos, o resgate realizado será ferramenta fundamental para compreensão de novas formas de configuração do espaço e de sua influência social no contexto da Igreja e Convento do Carmo no qual está inserido.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, José Ribeiro do. **O Maranhão Histórico**. São Luís: Instituto Géia, 2003.
- ANDRÉS, L. Phelipe. de C. Castro. **Centro Histórico de São Luís – Ma** . São Paulo: Audichromo, 1998.
- BELTRAMI, Frei Rogério. **Acordando Palavras Dormidas**. São Luís: SIOGE, 1994.
- BRASIL, Ministério do Interior. Fundação Projeto Rondon. **Monumentos Históricos do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1979.
- CONSTRUTORA ANDRADE GUTIERREZ. **Maranhão 1908**. Rio de Janeiro: Spala, 1978.
- CRUZ, Ernesto. **Igrejas e Sobrados do Maranhão: São Luís e Alcântara**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal S.A, 1953.
- D`ABBEVILLE, Cláudio. **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha de São Luís do Maranhão e Circunvizinhanças**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1945.
- DA BRESCIA, P. Timóteo Zani. **Al Pará, Maranhão e Ceará – Brasile del Nord – Note di Viaggio**. Milano: Tipografia Dei Frateli Canzani, 1903.
- FRIAS, Svetlana. **Ladrilhos Hidráulicos de São Luís: reflexos estéticos de uma Época**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 2005.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.
- LIMA, Carlos de. **Caminhos de São Luís** (ruas, logradouros e prédios históricos). São Paulo: SICILIANO, 2002.

MARQUES, Augusto César. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MARTINS, Ananias Alves. **São Luís: fundamentos do Patrimônio Cultural séculos XVII, XVIII, XIX**. São Luís: SANLUIZ, 2000.

MEIRELES, Mário. **História do Maranhão**. São Luís: Dasp/ Serviço de Documentação, 1960.

MELO, Francivaldo. **História do Maranhão**. São Luís. Alpha: 2006.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. São Luís: Legenda, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Pessoa de. **Igreja do Carmo: Turismo cultural e interferência na sua dinâmica**. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo), Faculdade Atenas Maranhense, São Luís, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial (cd-rom)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

REVISTA DO NORTE. São Luís, nº 27, 1 de outubro. 1902. Revista/Arquivo: Sessão de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite.

REVISTA DO NORTE. São Luís, nº 40, 1 de setembro. 1903. Revista/Arquivo: Sessão de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite.

REVISTA DO NORTE. São Luís, nº 55, 1 de dezembro. 1903. Revista/Arquivo: Sessão de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite.

SILVA FILHO, Olavo Pereira. **Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão**. Belo Horizonte: Formato, 1998.

ANEXOS

ANEXO I – Documento de doação de parte do Convento à Prefeitura Municipal.

12-11-1931

A. V. P.
M. A. - PA. 81 V 59 20

25

A Missão dos Frades Capuchinhos, constituída em Associação legal, Educadora Italo-Brasiliense, com Sede nesta Capital, previa aprovação da Autoridade Ecclesiastica, permite e consente em ceder a Prefeitura Municipal de S. Luis do Maranhão, o pedacço do proprio Convento de Nossa Senhora do Carmo, para o alargamento da Rua.

Maranhão 12 Novembro 1931

Frei Estevão Maria de Sisto
Presidente da Associação etc.

Frei Gaudencio Capuchinho
Miguel M.



ANEXO II – Folder do Museu da Igreja do Carmo



Este museu traduz a vontade de resgatar a nossa história através da exposição de peças variadas. Quer também suscitar uma emoção estética face ao belo, ao bem e ao verdadeiro. Reconhecemos com singeleza que nele não estão expostas obras de elevado e universal valor histórico, mas simplesmente objetos afetivamente significativos para a nossa vida.

Conheça o Museu da Igreja do Carmo e dos Capuchinhos da Província Nossa Senhora do Carmo.



Horário de funcionamento
Terça- feira a sexta- feira:
das 14:00h às 17:00h

MUSEU DA IGREJA DO CARMO E DOS CAPUCHINHOS DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO CARMO

Praça João Lisboa, nº 350 – Centro
 Telefone: (98)3222-6104
 Site: www.promapa.org.br/muscap-ma
 e-mail: muscap-mpa@promapa.org.br



**Seja Bem-Vindo,
ao**

MUSEU DA IGREJA DO CARMO E DOS CAPUCHINHOS DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO CARMO

Horário de Visita
 Terça à Sexta
 14:00h às 17:00h

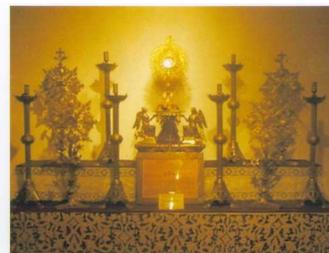
“A lembrança de nossos antepassados é como o mel em nossa boca” Eclo 49, 1-2

Museu quer ser uma estrutura viva e falante que narre a história da Igreja do Carmo e da Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo presente no Maranhão, Para e Amapá. Seu valor não está na preciosidade de suas peças, mas na documentação dessa história.



Peças

Museu não é depósito de coisas velhas. É nosso desejo de salvaguardar a memória desta jovem Província Capuchinha e ao mesmo tempo impulsionar seu dinamismo. Não podemos fazer história esquecendo o passado.



Macervo de peças do Museu está dividido em sala de imagens, pratarias, paramentos, uma sala de móveis antigos dos frades, corredor interno e claustro de imagens, um monumento dedicado aos frades já falecidos.



Histórico

A Atividade Social "A Casa do Pão de Santo Antônio", foi fundada no ano de 1981 por iniciativa de Frei Liberato Giudici, iniciou dando atendimento a trinta idosas. Hoje são atendidas cerca de cento e vinte pessoas.

Tendo como primeiras benfeitoras as Senhoras Ivone da Conceição Serra, Marilene Mata Roma e Maria Regina Lauletta.

Refeições







Sra Cássia e Frei Paulo



Frei Silvimar e Frei Liberato

"A administração da referida obra ficou a cargo dos Frades do Convento do Carmo: Frei Liberato Giudici, Frei Dionísio Guerra (in memoriam), Frei Ângelo Faloni, Frei Pedro Antônio Zanni, Frei Antônio Vegetali e Frei Antônio Pinto.

A partir de 2007, fica responsável pela obra Frei Silvimar Abdon Diniz.

Cozinha



Semana do Idoso

O objetivo principal da iniciativa é atender pessoas idosas e portadores de necessidades especiais, oferecendo-lhes uma refeição diária.

Este gesto concreto de solidariedade cristã já repete a 26 anos como sinal de amor fraterno.

Benção do Pão de Santo Antônio

Por meio dessa obra, fundada pela iniciativa dos frades Capuchinhos, estamos ao lado dos excluídos e procuramos manter vivo o mesmo espírito de Francisco de Assis, o qual dedicou sua vida aos necessitados, testemunhando através de seu coração amável o amor de Deus para com eles, desejosos de um sorriso, de um abraço, de um gesto de acolhida.

Senhor, Pai Santo, Deus de bondade, abençoei este pão, pela intercessão de Santo Antônio, que por sua pregação e exemplo distribuiu o pão da vossa palavra aos vossos fiéis.

Este pão recorde aos que o comerem ou repartirem com devoção, o pão que vosso Filho multiplicou no deserto para a multidão faminta, e o pão que partilhais conosco todos os dias no mistério da Eucaristia.

Que nos recorde o compromisso com nossos irmãos, necessitados de alimento corporal e espiritual.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, Pão Vivo que desceu do céu e dá a Vida e a Salvação. Ele que vive conosco na unidade do Espírito Santo. Amém.

"A Casa do Pão de Santo Antônio" se sustenta com as doações de fiéis e dos benfeitores.



CARNÊ DO BENFEITOR

PIR UNIAO DO PAO DE S. ANTONIO

CARNÊ do BENFEITOR

RECIBO	
Nome: _____	Nome: _____
Endereço: _____	Endereço: _____
Telefone: _____	Telefone: _____
Assinatura: _____	Assinatura: _____
Data: _____	Data: _____

Ela conta agora também com a sua Parceria...
Adquira seu Carnê na Secretaria!

Venha e junte-se a nós neste serviço de promoção social.



Oração de São Francisco

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dívida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz;

O Mestre, Fazei que eu procure mais

Consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois, é dando que se recebe,

e perdando que se é perdoado,

e é morrendo que se vive para a vida eterna.

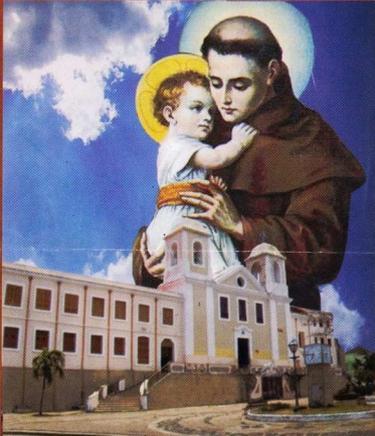
Participe conosco, e com os devotos de Santo Antônio, da missa e bênção dos pães todas as 3^{as} feiras, às 17:15hs

CONVENTO DO CARMO

Associação Educadora São Francisco de Assis
Praça João Lisboa, nº350 - CNPJ 04.862.072/0001-90
CEP: 65.010-310 - São Luís/MA

IGREJA DO CARMO

São Luís - MA



A Casa do Pão de Santo Antônio

FRADES MENORES CAPUCHINHOS

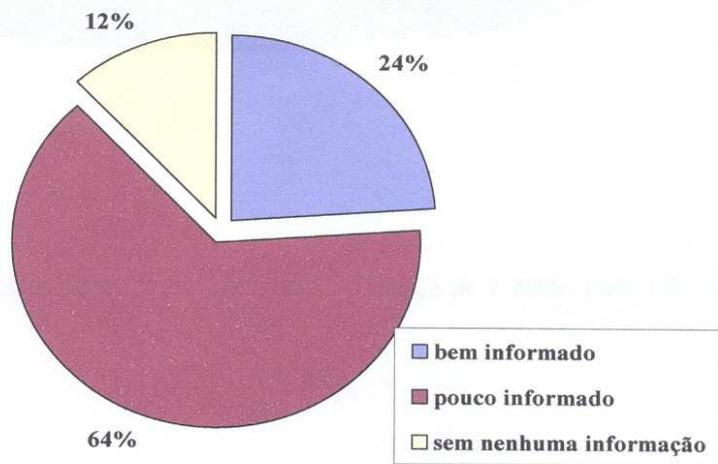
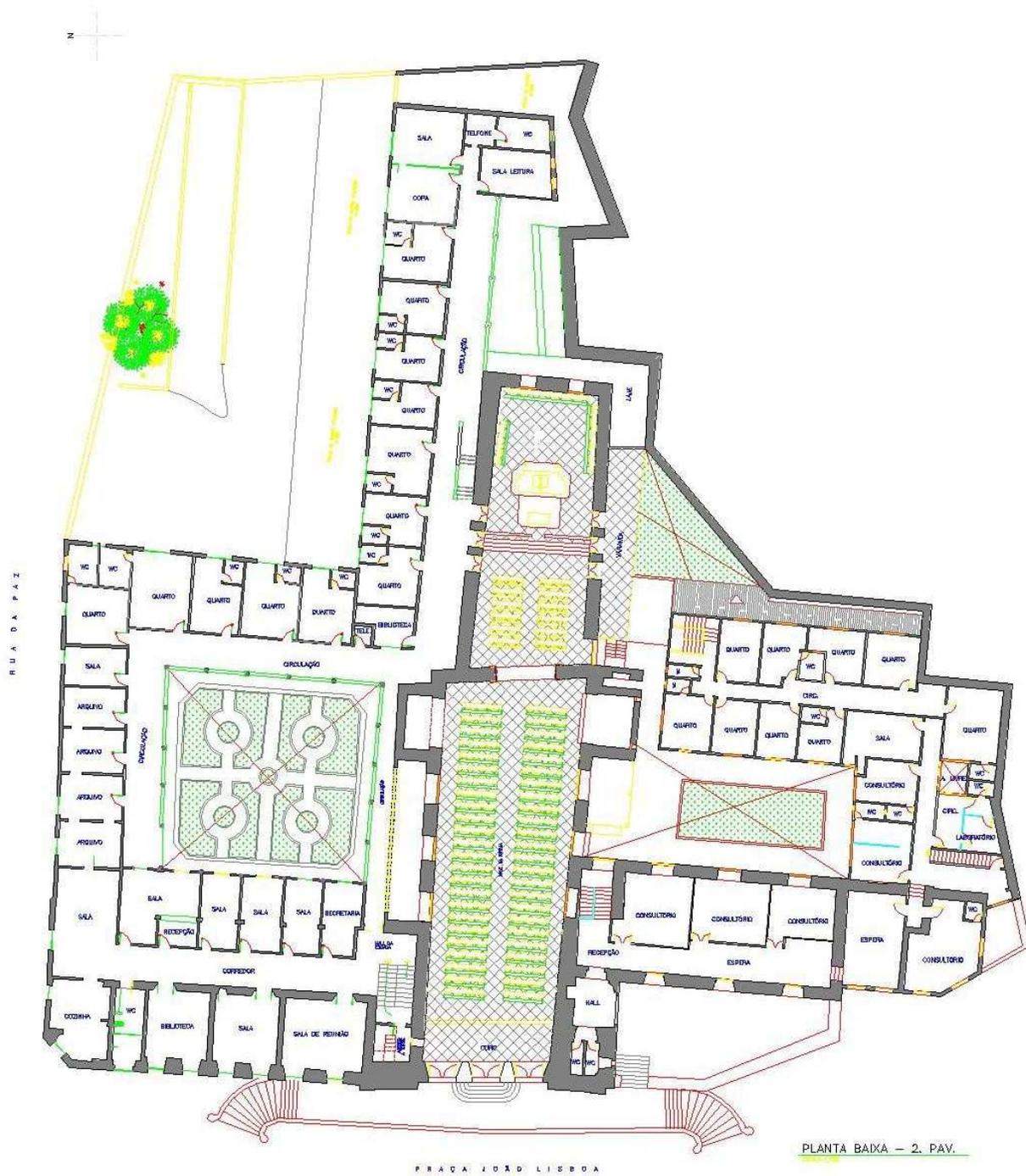


Gráfico 10- Grau de informação em relação à história da Igreja do Carmo.

Fonte: Oliveira, 2003.



ANEXO VI – Planta baixa atual do Carmo - Térreo.



PLANTA BAIXA – 2. PAV.

Fonte: Arquivo Particular do Arquiteto Rogério Lima, 2005.

ANEXO VIII – Planta baixa atual do Carmo – 2º Pavimento.

